

**LIDIANE PRIORI**

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO COM AS MÃES USUÁRIAS DO CENTRO  
COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS DO MUNICÍPIO DE TOLEDO-PR.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Serviço Social, Centro de Ciências  
Sociais Aplicadas – CCSA, da Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE, como  
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel  
em Serviço Social.**

**Orientadora: Profa. Ms. Roseli Odorizzi**

**TOLEDO  
2008**

**LIDIANE PRIORI**

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO COM AS MÃES USUÁRIAS DO CENTRO  
COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS DO MUNICÍPIO DE TOLEDO-PR.**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Serviço Social, Centro de Ciências  
Sociais Aplicadas – CCSA, da Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE, como  
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel  
em Serviço Social.**

**Orientadora: Profa. Ms. Roseli Odorizzi**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientadora Profa. Ms. Roseli Odorizzi  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

---

Profa. Ms. Luciana Vargas Neto Oliveira  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

---

Profa. Ms. Francy R. Guia Nyamien  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Toledo, 12 de novembro de 2008.**

*Dedico este trabalho aos meus pais, Olidio e Donatela que sempre me apoiaram e sem os quais esse sonho jamais teria se tornado realidade.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre ao meu lado, dando-me força para superar os obstáculos, e coragem para prosseguir.

Os meus eternos agradecimentos aos meus pais, duas pessoas que são para mim espelhos de honestidade e coragem e graças aos seus esforços, incentivos e dedicação pude ter a oportunidade de me formar em um curso superior. Muito Obrigada... Amo Vocês!

Aos meus tios, Olavio e Irene por estarem sempre ao meu lado e de minha família nas horas mais difíceis, e por torcerem sempre por mim.

A minha orientadora Profa. Ms. Roseli Odorizzi, pela contribuição e dedicação na construção desse trabalho.

A todos os professores do Curso de Serviço Social, pelo compromisso, sacrifício e o conhecimento compartilhado com todos os acadêmicos.

A minha supervisora de campo, a Assistente Social Rejane, por me transmitir sua experiência profissional, pela paciência e compreensão que sempre teve comigo.

Também a todos os funcionários, professores e alunos do Centro Comunitário e Social Dorcas, pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para minha formação profissional.

Agradeço a todas as participantes da pesquisa, por contribuírem para a efetivação deste trabalho.

As minhas amigas de sala de aula, "catita" (Catia), "Kel" (Kelsen), "Sah" (Sabrina), "Manú" (Manueli), "Deia" (Andreia), "Jú" (Juliana), "Moni" (Monica), Andressa e Carol, amigas amadas, com as quais compartilhei inúmeros momentos importantes ao longo desses quatro anos. Obrigada por tudo. Vocês ficarão para sempre guardadas no meu coração... Amo Vocês!

As minhas amigas de uma vida, dani, pri, eliz, paty, que mesmo a distância sempre se fizeram presentes. Obrigada por fazerem parte da minha história. Amo MUITÍSSIMO cada uma de vocês!

A minha companheira de morada, Andressa, pois sempre cuidou de mim como uma verdadeira mãe, "vamos fazer papazinho", aturou a minha bagunça, sorriu e chorou comigo nos diversos momentos que passei. Muito Obrigada Por Tudo. Amo Você!

Aos meus vizinhos e amigos, Cesão, Sarara e Karane, pelos serviços prestados sempre que solicitados, pelos churrasquinhos e afins, nunca vou encontrar vizinhos como vocês. Obrigada!

A Maria Amélia, "Mel", por compartilhar comigo todas as angustias e alegrias no campo de estágio, Obrigada!

Aos meus priminhos lindos, Pablo, João Vitor e Gabriela, pessoinhas maravilhosas que encantam minha vida com suas brincadeiras e com o carinho, com que sempre me tratam. Adoro vocês!

A Inês pelas muitas e muitas caronas que me deu, sem nunca cobrar nada. Muito Obrigada!

Ao alemão, namorado da Sah, pelo carinho e a paciência que sempre teve, afinal agüentar esse monte de mulher falando no ouvido não é fácil.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para realização deste trabalho

PRIORI, Lidiane. **Gravidez na adolescência:** um estudo com as mães usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas do Município de Toledo-PR. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* – Toledo, 2008.

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso trata da gravidez na adolescência, e tem como objetivo identificar e analisar as implicações sociais decorrentes da gravidez na adolescência, vivenciadas pelas mães usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas do Município de Toledo-PR. Têm-se como pressuposto que a gravidez precoce pode afetar negativamente a dinâmica de vida das adolescentes. A reflexão é fruto do acompanhamento de um grupo de adolescentes durante o período de estágio supervisionado em Serviço Social que se deu no período 2007/2008 na Instituição. Para a operacionalização da pesquisa optou-se pelo método estudo exploratório da abordagem qualitativa de pesquisa e do uso das técnicas da entrevista semi-estruturada e da observação. Como instrumentos para a coleta de dados foram utilizados as fichas de matrícula, e um formulário de perguntas para a realização das entrevistas. Os resultados da pesquisa apontam que as transformações ocorridas na vida de uma adolescente grávida não se resumem apenas às mudanças físicas, mas também psicológicas e sociais, principalmente pela idade em que elas se encontram, pois a própria fase da adolescência é uma constante transformação e aliada a uma gravidez não planejada essas mudanças se tornam ainda mais complicadas. A falta de informação ainda é muito presente entre os jovens, e o casamento ainda é visto como uma saída para amenizar o fato da gravidez na adolescência junto à família e a sociedade e a falta de perspectivas de vida por parte das adolescentes faz com que estas desistam dos estudos ainda muito cedo.

**Palavras-chave:** adolescência; gravidez na adolescência; Serviço Social.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

### GRÁFICOS:

Gráfico 1- Idade das mães no período da gravidez.....	43
Gráfico 2- Religião das mães.....	43
Gráfico 3- Tempo de residência no Município.....	44
Gráfico 4- Renda familiar.....	44
Gráfico 5- Estado civil .....	45
Gráfico 6- Número de filhos.....	45
Gráfico 7- Bairro onde residem.....	46
Gráfico 8- Benefício que recebem.....	47
Gráfico 9- Grau de escolaridade dos pais.....	47
Gráfico 10- Condição de moradia antes da gravidez.....	48
Gráfico 11- Estado civil ante da gravidez.....	48
Gráfico 12- Se trabalhava antes da gravidez.....	49
Gráfico 13- Freqüentava a escola antes de engravidar.....	49
Gráfico 14- Condição de moradia após a gravidez.....	50
Gráfico 15- Estado civil após a gravidez.....	50

### LISTA DE QUADROS:

Quadro 1- Número de atendimentos anuais da entidade.....	34
--	----

## LISTA DE SIGLAS

<b>ECA</b> .....	Estatuto da Criança e do Adolescente
<b>IELB</b> .....	Igreja Evangélica Luterano da Brasil
<b>LOAS</b> .....	Lei Orgânica da Assistência Social
<b>PETI</b> .....	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
<b>PR</b> .....	Paraná
<b>TCC</b> .....	Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	07
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b> .....	08
<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	09
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E A PRÁTICA PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL</b>	
1.1 O SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE.....	14
1.2 A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA COMO UMA DAS EXPRESSÕES DA “QUESTÃO SOCIAL”.....	16
1.3 ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA ADOLESCÊNCIA.....	22
<b>2 O CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS – CASA DE MENINAS DORCAS DO MUNICÍPIO DE TOLEDO-PR</b>	
2.1 A INSTITUIÇÃO DORCAS.....	31
2.2 PLANOS, PROGRAMAS E PROJETOS.....	36
2.2.1 Programa de Apoio e Ações Sócio Educativas às Famílias – Família Feliz.....	36
2.2.2 Programa de Jornada Ampliada – Crescer Feliz.....	36
2.2.3 Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI.....	37
2.2.4 Programa de Apoio e Ações Sócio Educativas com o Idoso–Programa Ativa Idade.....	37
2.2.5 Programa Abrigamento Casa Lar Dorcas.....	37
2.3 O TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL.....	38
2.4 PROJETO MOMENTO DORCAS INFORMAÇÃO.....	38
<b>3 APRESENTAÇÃO ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA</b>	
3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	40
3.2 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	42
3.3 O PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA .....	50
3.4 RELACIONAMENTO FAMILIAR.....	53
3.5 A GRAVIDEZ.....	55
<b>CONCLUSÃO</b> .....	62
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	64
<b>APÊNDICE</b> .....	66

## INTRODUÇÃO

A incidência, assim como a reincidência da gravidez na adolescência e suas conseqüências, justificam uma preocupação redobrada e uma contínua reflexão dos setores de saúde, assim como, dos profissionais que nela atuam para que, num trabalho em conjunto, busquem atuar com os adolescentes em função da sua prevenção, promovendo fatores positivos de proteção.

Portanto, a gravidez na adolescência é um desafio social que envolve a todos como o Estado, a família e a sociedade e não um problema exclusivo da adolescente. Neste sentido, torna-se fundamental a realização de pesquisas que levantem as especificidades do fenômeno da maternidade na adolescência e determinem um caminho a seguir para a elaboração de políticas públicas voltadas para esse setor.

O estudo é decorrente da preocupação com a temática gravidez na adolescência, pois a mesma tem aumentado em todas as classes sociais, tornando-se um desafio que merece preocupação e reflexão contínua. Segundo o *site* do DATASUS, no Brasil no ano de 2005, do total de grávidas no país, 21,8% eram jovens entre 10 e 19 anos, no mesmo ano, o estado do Paraná liderou o ranking na região sul, com 44,2% de meninas entre 10 e 19 anos grávidas, passando a frente de Santa Catarina com 17,2% e Rio Grande do Sul com 9,8%, ainda em 2005 na cidade de Toledo 18,5% das grávidas tinham idade entre 10 e 19 anos.

A produção deste trabalho foi possível graças aos conhecimentos adquiridos no decorrer do Curso de Serviço Social, tendo grande importância neste processo à experiência de Estágio Supervisionado. A prática do Estágio se realizou no Centro Comunitário e Social Dorcas, que se localiza no bairro Vila Pioneira, na cidade de Toledo. Este local é uma instituição de contra-turno escolar, onde se atende meninas em situação de vulnerabilidade social, de idade entre 06 a 17 anos.

Ao ingressar no estágio uma das primeiras atividades a serem desenvolvidas enquanto estagiária foi montar um grupo de adolescentes para participarem de encontros semanais, onde seriam discutidos temas referentes a essa fase da vida, como por exemplo: drogas, sexualidade, profissões e claro, a própria temática da gravidez na adolescência.

No desenvolvimento do estágio foram surgindo inquietações que embasaram esse estudo, tais inquietações se evidenciaram após o contato e a observação das adolescentes que participavam dos encontros, pois estas se mostravam inquietas com a problemática da gravidez na adolescência chegando até, algumas vezes, as próprias adolescentes relatarem histórias que haviam ocorrido com suas mães, pois estas tinham engravidado na adolescência e segundo as filhas tiveram dificuldades para lidar com a situação.

Frente a esta situação, e ao manusear as fichas de matrículas da instituição, pode-se perceber que havia um grande número das mães das usuárias da entidade, que haviam engravidado na adolescência, o que fez despertar a curiosidade sobre o assunto.

Diante disso, têm-se como problema desta pesquisa entender: Quais as implicações sociais da gravidez na adolescência vivenciadas pelas mães usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas? Para tanto se estabeleceu outra questão que norteiam a problemática que será respondida com a pesquisa como: que tipos de transformações se apresentam com a gravidez precoce? Quais foram os novos papéis que essas mulheres assumiram com a gravidez precoce? Quais os impactos vivenciados por essas mães devido à gravidez no período da adolescência? Qual o perfil dessas mulheres? E o que seria a adolescência para elas?

Neste sentido têm-se como objetivo identificar e analisar as implicações sociais decorrentes da gravidez na adolescência, vivenciadas pelas mães usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas do Município de Toledo-PR, tendo como pressuposto que a gravidez precoce pode afetar negativamente a dinâmica de vida das adolescentes.

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa se fundamenta no estudo exploratório numa abordagem qualitativa de pesquisa que de acordo com Gil (1999, p.) esse tipo de pesquisa “constitui uma primeira etapa para uma investigação mais ampla”. O estudo exploratório segundo Santos (2002, p. 26), é “a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno”. As técnicas utilizadas foram a entrevista semi-estruturada e a observação. Conforme Gil (2002), a entrevista é uma técnica onde o investigador formula perguntas com o objetivo de colher dados do entrevistado, necessários a investigação, “[...] é uma forma de dialogo assimétrico em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação [...]” (GIL, 2002, p.117).

Como instrumentos para realização da pesquisa utilizou-se do questionário, diário de campo, relatórios e a ficha de matrícula da instituição. O universo da pesquisa foram o número total de mães usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas no ano de 2008, que engravidaram no período da adolescência, somando vinte e uma mulheres.

Com o intuito de contemplar o objeto de estudo, este trabalho foi estruturado em três capítulos, assim distribuído:

No primeiro capítulo tratou-se da questão gravidez na adolescência como um fenômeno social que envolve a todos, que se constitui em uma das expressões da “questão social” hoje, que se coloca como um desafio para a atuação profissional do serviço social, que cada vez mais precisa entender como se dá o desenvolvimento nessa fase da vida, as dúvidas,

os medos, as expectativas que passam a existir com a idade e quais os aspectos psicossociais que envolve o adolescente.

No segundo capítulo procurou-se apresentar a Entidade Centro Comunitário e Social Dorcas, como a pesquisa foi com os sujeitos que utilizam os serviços dessa instituição, tornou-se necessário conhecer com maior profundidade a entidade, como também os planos, programas e projetos que são desenvolvidos.

No terceiro capítulo, se explicitou a metodologia do processo de pesquisa, bem como alguns aspectos do perfil dos sujeitos pesquisados, em forma de gráficos. Também é realizado, neste capítulo, a apresentação, análise e interpretação e dos dados coletados, os quais foram divididos em eixos para melhor explicitá-los.

Esta pesquisa tem a pretensão de contribuir para novos estudos acerca da identificação e da análise das questões referentes aos adolescentes, já que este é um dos públicos com quem o assistente social atua no seu cotidiano profissional.

# 1 A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E A PRÁTICA PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL

## 1.1 O SERVIÇO SOCIAL NA CONTEMPORANEIDADE

Segundo Bourguignon (2005), ao analisar o caminho percorrido pelo Serviço Social como profissão presente na divisão sócio-técnica do trabalho, pode-se afirmar que a carreira tem uma história de avanços e conquistas na intenção de firmar uma produção de conhecimento que lhe dá suporte teórico e metodológico, para intervir na realidade social de uma maneira crítica e criativa e que esse método de intervenção se faz embasado em um Projeto Ético Político Profissional comprometido com os interesses coletivos dos cidadãos, com a construção de uma sociedade justa e com as demandas advindas do cotidiano profissional.

A década de oitenta mostrou-se um período de maturação da produção teórica do Serviço Social, e a Universidade foi a principal figurante desse processo. Já a década de noventa representou avanços em relação à consolidação do Projeto Ético Político da profissão, o que se faz presente nas propostas designadas à formação e na direção social da profissão, aspectos indispensáveis à reconstrução crítica e à consolidação da própria natureza do serviço Social.

Não se pode esquecer que os avanços são provenientes de um processo histórico vivido pela profissão e observa-se que sua renovação é marcada por um processo que aponta três direções conforme as afirmações de Netto (1998) citado por Bourguignon (2005):

[...] aponta três direções principais para o processo de renovação do Serviço Social: a perspectiva modernizadora que se desenvolve no período pós-64 até meados da década de setenta, no qual se dá a modernização das concepções profissionais, buscando adequar a profissão às estratégias de desenvolvimento capitalista; reatualização do conservadorismo, que se dá em meados da década de setenta, como uma vertente que busca romper com a tradição positivista presente na profissão e rejeita a perspectiva marxiana, voltando-se para a inspiração fenomenológica; intenção de ruptura com o serviço Social tradicional que atravessa os fins dos anos 70 e início dos anos 80, que efetivamente contribui para a renovação cultural da profissão (NETTO, 1998 apud BOURGUIGNON 2005, p. 34).

É a partir dos anos de 1980, que, de maneira mais sistemática, firma-se a discussão acadêmica do Serviço Social, assinalando um processo de ruptura com o tradicionalismo

presente desde o nascimento da profissão. Esse processo de desligamento com o conservadorismo criou, dentro da profissão, uma cultura que reconhece a diversidade teórico-metodológica. Todavia a tradição marxista fortifica-se como uma direção hegemônica para o Projeto Ético Político profissional, mesmo que não homogênea.

Para Bourguignon (2005), os anos de 1980 marcam o reencontro da profissão consigo mesma no que se refere à procura por estabelecer novas bases para o entendimento do seu passado histórico, das particularidades de sua prática na sociedade assinaladas por relações de classes, da sua ligação com o Estado e com as forças da sociedade civil e da sua atitude em relação às necessidades sociais cada vez mais complexas, estabelecendo-se no contexto da divisão sócio-técnica do trabalho. Essa aproximação com o marxismo coloca como ponto central os princípios de democracia, liberdade, justiça social e dignidade humana. Esses princípios são definidos e explicitados no Código de Ética de 1993, marco expressivo para a profissão na década de noventa.

Com certeza, os anos de 1980 e 1990 assinalam, historicamente, avanços e conquistas para a profissão nos seus diversos campos de atuação, bem como no processo de formação e de fortalecimento como área de produção de conhecimento. Bourguignon (2005) aponta, ainda, que no movimento das transformações societárias e, de forma inerente, no movimento de repensar o Serviço Social há um processo de construção e de afirmação de um Projeto Ético Político compromissado com a cidadania e de renovação da direção social da formação profissional.

A partir do Projeto Ético Político do Serviço Social, consolidado nos anos de 1990, o objeto de intervenção do assistente social consolida-se como o trato nas diferentes expressões da “Questão social”<sup>1</sup> e que segundo Iamamoto:

Não é se não as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção, mais além da caridade e repressão (IAMAMOTO, 1993, p. 77).

É na tensão entre a reprodução da desigualdade e o movimento das classes sociais que os assistentes sociais atuam envolvidos em um terreno de interesses antagônicos os quais

---

<sup>1</sup> Na explicação de Netto, o uso da expressão “questão social” tem uma conotação conservadora que pode se limitar a manifestação do pauperismo e não a um complexo problemático muito amplo gerado pela contradição colocada a sociedade burguesa. (NETTO, 2001, p. 41-50)

não podem ser eliminados, pois fazem parte da vida em sociedade. Os profissionais de Serviço Social trabalham com as múltiplas expressões da “Questão Social” e como elas se expressam no cotidiano dos sujeitos sociais a partir das políticas sociais e das maneiras de organização da sociedade civil na busca por direitos sociais, políticos e civis. Identificar as novas formas pelas quais a “Questão Social” se expressa é primordial para o Serviço Social, para que se possibilite compreender as diversas expressões que esta assume na contemporaneidade.

No Brasil a “Questão Social” manifesta-se de inúmeras formas na vida dos indivíduos sociais, destacando-se aqui a gravidez na adolescência como uma das expressões presentes no cotidiano da sociedade. O fato é que a maternidade no período da adolescência aumenta em todas as classes sociais, tornando-se um desafio que merece preocupação e reflexão contínua por parte dos profissionais.

## 1.2 A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA COMO UMA DAS EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL

No passado as mulheres casavam-se e tornavam-se mães muito cedo, provavelmente entre os 13 e 15 anos de idade. As jovens permaneciam exclusivamente no ambiente doméstico, freqüentavam pouco a escola, não tinham recursos, meios e nem mentalidade para planejar sua vida reprodutiva. No entanto, a sociedade modernizou-se e as mulheres passaram a vislumbrar diferentes perspectivas de vida, porém isso não impediu que, apesar da divulgação de métodos contraceptivos, a cada ano mais jovens engravidassem no período da adolescência.

Essa questão deve ser uma preocupação não só da adolescente, mas sim de sua família e da sociedade como um todo. No ano de 1994, foi realizada no Cairo a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento<sup>2</sup>, onde entre os assuntos tratados estavam: o direito das mulheres; as formas de violência contra o sexo feminino e também a questão da sexualidade com uma especial atenção para a maternidade na adolescência.

Na conferência destacou-se o direito dos jovens à educação; à informação e aos cuidados referidos à saúde reprodutiva e, com isso, teve como meta a redução do índice de gravidez na adolescência. Mas para que a redução ocorra foi recomendado aos países participantes à elaboração de políticas e programas que tivessem como objetivo a saúde reprodutiva dos adolescentes. Para ratificar essas propostas, ocorreu em 1995 a IV Conferência Mundial da Mulher realizada em Beijing.

---

<sup>2</sup> Esta conferência aconteceu nos dias 05 a 13 de setembro de 1994 com a participação de 133 países.

Dentre as reflexões realizadas na conferência, entendeu-se que os jovens podem assumir uma maior responsabilidade com sua saúde quando são, adequadamente, informados e têm disponíveis serviços integrais que respondam às suas necessidades sexuais, sociais e culturais. Segundo Mito (2005), a partir das Conferências, observou-se um aumento na discussão sobre o tema: gravidez na adolescência na América Latina, já que nesses países os crescentes índices de maternidade na adolescência têm sido apontados como um grave problema.

Contudo, a experiência da gravidez afeta de modo profundo e completo a vida das mulheres que a vivenciam, modificando-a definitivamente. A fase da adolescência, que segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ocorre entre os 12 e 18 anos, é também um momento especial no qual uma gravidez, na maioria dos casos não programada, produz diversas mudanças, não apenas físicas, mas na vida dessas mulheres como um todo. De acordo com Socal (2003), a adolescência é um período complexo que compreende várias mudanças e há necessidade de serviços e de condições psicossocial para enfrentá-lo como se pode observar:

A gravidez na adolescência é um problema complexo, pois implica em dois fenômenos do desenvolvimento humano: adolescência e gestação. A adolescência é um período de crescimento e desenvolvimento humano, em que se observam rápidas e substanciais mudanças na vida e nos corpos infantis, a citar o acentuado crescimento pondo-estatural, o surgimento de novas formas físicas e estéticas, as transformações no funcionamento orgânico, a construção de novas relações intersubjetivas e as manifestações peculiares de novos sentimentos, modos de pensar e de se comportar refletindo novas identidades e inserções no mundo interno e externo da família. Já o período gestacional é repleto de modificações físicas, psicológicas, hormonais, neurológicas, sociais e familiares. A saúde reprodutiva depende de uma gama de condições sócio-culturais propícias, tais como serviços de saúde de qualidade, adequadas condições de vida e estabilidade afetiva (SOCAL, 2003, p. 76).

Mito (2005), ainda acrescenta que o risco de mortalidade das mães é maior entre adolescentes e isso ocorre por complicações obstétricas e no parto, por doença hipertensiva específica da gravidez e partos prematuros, essencialmente, em mães que não fazem o acompanhamento pré-natal. Além disso, os bebês de mães adolescentes correm maior risco de nascerem abaixo do peso ideal. Há referências que os filhos nascidos de mães adolescentes estejam mais propensos a sofrer mais abusos ou negligências e corram maior risco de serem entregues para adoção do que os bebês de mães com idade mais avançada.

Enfim, os problemas relacionados tanto à saúde da mãe como a do bebê têm sido vinculados à imaturidade biológica, a um estilo de vida impróprio e à realização ou não de um pré-natal durante a gestação. Em relação ao baixo peso das crianças ao nascerem, não está associado somente à idade da mãe, mas também à utilização dos serviços de saúde pertinentes à gestação; ao estado nutricional da mãe; à forma como ela se alimenta e, principalmente, a fatores psicossociais, como o apoio familiar e do pai da criança. Esses fatores podem intervir direta ou indiretamente no período gestacional e no resultado neonatal.

Para essa mesma autora, quando verificadas as variáveis de pobreza e de “estado de marginalidade social”, não são encontradas distinções no peso dos bebês ao nascerem. Os problemas, destacados acima, não estão relacionados somente a fatores fisiológicos e psicossociais, características peculiares à adolescência, mas também estão associados a fatores sociodemográficos, como a pobreza, o descuido com o acompanhamento pré-natal durante a gravidez e a falta de rede de proteção, aspectos que ampliam os riscos da maternidade na adolescência.

Caldeira (2004), ressalta que as transformações que ocorrem com a adolescente que engravida vão desde a mudança em seu corpo até a relação com a família e a sociedade; ou seja, há, por parte da adolescente, uma perda de autonomia e de liberdade. Algumas vezes, os amigos acabam afastando-se, como também pode ocorrer uma rejeição por parte do parceiro, da família e da sociedade e, geralmente, a adolescente não está preparada para lidar com essas situações que, quase sempre, só se tornam visíveis quando a gravidez já é uma realidade.

Sem o apoio familiar, do pré-natal e do parceiro a gestação na adolescência pode ser considerada de risco e essas situações, muitas vezes, acabam levando a jovem à depressão e à diminuição da auto-estima e, às vezes, até mesmo o contexto familiar de violência, pobreza e doenças, torna-se um fator de risco conforme se pode observar na colocação de Ribeiro citado por Miotto (2005):

Adolescentes provenientes de famílias disfuncionais, pobres, de pouca instrução e cujas mães tiveram precocemente seu primeiro filho, correm um risco maior de engravidar. Ainda famílias com histórias de violência, abuso de drogas e doenças crônicas dos pais podem predispor as adolescentes a uma relação sexual prematura (RIBEIRO, 2001 *apud* MIOTTO, 2005, p. 133).

Para Desser (1993), a adolescente que tem na família um histórico de mães adolescentes ou que convivem em meios onde a gravidez precoce é um fato comum tem mais chances de tornarem-se mães.

Mioto (2005), ainda ressalta que o apoio social e familiar é um fator definitivo para dar a direção das ações de saúde referentes aos adolescentes, pois se entende que tanto a rede de proteção social como a família são fatores decisivos no decorrer da gestação da adolescente. Socal (2003) complementa dizendo que é indispensável que a sociedade tenha uma atenção redobrada com a questão da gravidez na adolescência. Principalmente, a família e a escola necessitam pensar nessa demanda com mais cuidado, pois a explicação e a informação certa sobre o assunto sexualidade, deve vir de uma forma interligada entre escola e família.

Mioto (2005) ressalta ainda que a união estabelecida entre a sexualidade e a maternidade com a saúde na adolescência teve como resultado um aumento dos estudos e debates sobre o assunto nos setores da saúde, porém as discussões em torno da gravidez nessa fase estão quase sempre ligadas à questão da maternidade, do parto e dos cuidados da mãe com o bebê. Quase não se tem estudado a respeito da proteção dessa mulher adolescente, dessa nova família que se está constituindo, das conseqüências de uma gestação não planejada e imatura, bem como do papel das políticas públicas nesses contextos.

Parafraçando Socal (2003), a maternidade na adolescência é uma questão que envolve vários aspectos e necessita de resoluções multidimensionais, abrangendo profissionais de diversas áreas. Para realizar uma ação interligada, torna-se essencial apoiar a criação de programas que têm como objetivo trabalhar com a prevenção da gravidez na adolescência, dando especial atenção àquelas jovens que correm maior risco de engravidar. A autora ainda afirma que a ocorrência da maternidade na adolescência não é um fenômeno isolado. Essa ocorrência está vinculada ao contexto de falta de informação e está diretamente dependente de ações das políticas públicas voltadas para a área da educação e da saúde.

Segundo Rohdem (2002) citado por Midding (2004), as expectativas relacionadas aos jovens e, principalmente, em relação às mulheres sofreram várias modificações ao longo das últimas décadas - desde os anos 1960 a mulher está cada vez mais presente no mercado de trabalho, preocupada com sua formação pensa em estudar, para se qualificar e junto com isso vem o uso crescente de métodos contraceptivos - isso fez com que se valorizasse mais e mais a independência feminina e também com que as mulheres pensassem na execução de um projeto de estudos e de vida que incluísse também o lado profissional.

Contudo, para Caldeira (2004), embora a mulher tenha conquistado uma liberdade sexual, a adolescente grávida é estigmatizada por pessoas com quem convive. Tal situação acontece a partir do momento em que se verifica a existência de uma vida sexual ativa. Isso ocorre graças ao valor que ainda está presente na sociedade: a virgindade feminina, acabando por dificultar ainda mais a aceitação de uma maternidade precoce.

Desser (1993) também complementa dizendo que, embora a mulher tenha, ao longo dos anos, conquistado seu espaço tanto profissional como uma liberalidade sexual, ainda hoje é estigmatizada na sua vida sexual, o que difere do homem como se pode ver:

[...] enquanto que para o homem adolescente a exploração do interesse sexual é considerada normal e desejável, para a mulher adolescente dispõe-se uma associação entre erotização-estimulando-se a jovem a ser 'sedutora', 'feminina'-e platonismo, procrastinando-se o exercício da sexualidade para o momento da descoberta do 'grande amor' ou do 'homem com o qual se quer casar' (DESSER, 1993, p. 18).

A autora ainda acrescenta que enquanto é tido como normal o homem adolescente ter uma vida sexual ativa, a mulher adolescente ainda tem que se guardar para manter sua integridade, pois à mulher cabe o papel de mãe, de esposa e não o papel de mulher com uma vida sexual liberta a qual faz escolha sobre o sexo estar ou não presente na sua vida. A partir disso, pode-se indagar até aonde vai a liberdade sexual que a mulher conquistou, pois a sociedade continua a lhe impor os seus valores morais. A gravidez precoce é vista por grande parte da sociedade como uma situação amoral, sendo esta uma das implicações da gravidez na adolescência.

São múltiplas as conseqüências decorrentes de uma gravidez não planejada, entre elas está a escolarização. A gestação precoce pode trazer desvantagens à trajetória educacional da gestante, contribuindo com a evasão escolar e dificultando o retorno à escola, limitando o seu progresso acadêmico e as possibilidades de adequação ao mercado de trabalho. Outro aspecto relevante é a precipitação de uniões conjugais em que, em algumas situações, por conseqüência da gravidez e/ou por pressão dos pais a adolescente casa-se, sendo nessa fase indispensáveis à presença e o apoio familiar e do parceiro.

Caldeira (2004) ressalta a importância de mais outro aspecto referente à adolescente que, na maioria das vezes, almeja um emprego para poder conquistar sua independência financeira, porém, com a ocorrência da maternidade, o trabalho tão almejado como uma forma de liberdade passa a ser uma necessidade por parte da mãe adolescente que agora tem um filho para criar. Além disso, o trabalho, que antes podia ser visto pela família

como mais uma fonte de renda dentro de casa, agora passa a ser indispensável, mas não suficiente; pois, muitas vezes, a adolescente precisa da ajuda da família para os gastos com o bebê.

Quando se trata da sociedade brasileira, podemos dizer que ela é formada, na sua grande maioria, por uma população pobre e que é privada de moradia, saúde, emprego, educação, entre outros. Neste sentido, de acordo com Yasbek (1986) “A pobreza é a expressão direta das relações sociais vigentes na sociedade e certamente não se reduz às privações materiais. Alcança o plano espiritual, moral e político dos indivíduos submetidos aos problemas da sobrevivência” (YASBEK, 1986, p. 62-63).

Segundo Midding (2004), a situação econômica pode ser determinante para o acontecimento da maternidade precoce, pois é nas classes menos favorecidas que se encontra um elevado número de adolescentes grávidas. Isso se deve ao desamparo presente nessa população, onde o índice de falta de informação e maior acesso aos métodos contraceptivos é mais difícil. De acordo com Waissmam citado por Midding (2004):

Tanto engravidam as adolescentes de classe social mais baixa, quanto às de classe mais alta, no entanto, o enfrentamento da situação é diferente. No que se refere às jovens de classe social mais favorecidas, é difícil levantar dados, porque geralmente freqüentam consultórios particulares, o que não acontece com as de classe social menos favorecidas (WAISSMAM apud MIDDING, 2004 p. )

Caldeira (2004) também afirma que as transformações vivenciadas pelas adolescentes grávidas não refletem somente no seu cotidiano, mas também no de sua família que geralmente passa por dificuldades financeiras e que tem problemas de aceitação em relação à gravidez precoce. Porém, isso não significa dizer que a gravidez precoce ocorre somente nas camadas mais pobres da sociedade, mas é nesse grupo social que se expressa um maior número maior de casos. De acordo com Nóbrega citado por Caldeira, “[...] se a maternidade na adolescência não se restringe a um grupo social, é nas classes desfavorecidas que sua freqüência é altamente significativa” (NOBREGA, 1995 apud CALDEIRA, 2004, p. 217).

Portanto, ainda de acordo com Caldeira (2004), a maternidade na adolescência é resultado de um conjunto de fatores e que não se pode associar a uma única classe social, mas mesmo que seja uma questão presente em todas as classes, influenciadas e provocadas por diversos fatores, a sua incidência e as conseqüências nas classes mais desfavorecidas são enormes.

Parafrazeando Desser (1993), para as adolescentes das classes mais baixas que engravidam, as conseqüências da maternidade apresentam-se mais rapidamente e com maior peso do que na vida de uma jovem grávida de classe social alta. Tais conseqüências são entre outras a interrupção dos estudos, a necessidade de trabalhar e, muitas vezes, o casamento que ocorre pura e simplesmente pelo fato da gravidez. Essas situações modificam todos os projetos de vida que são pertinentes a essa idade.

Portanto, essa realidade causa inquietação em todos os envolvidos, como familiares e profissionais que atuam na área, não por ser uma questão moral ou de apoio a regras, como pode parecer para algumas pessoas, mas acima de tudo, pelas implicações que a ocorrência da maternidade quase sempre traz ao desenvolvimento das jovens adolescentes, pois estando entre a infância e a vida adulta nem sempre possuem condições e maturidade para tal processo.

### 1.3 ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA ADOLESCÊNCIA

Pode-se definir a adolescência como um período de transição caracterizado por transformações físicas e psicológicas. É nessa fase que se formam os próprios valores, assim como uma identidade. É um período de escolhas e tomadas de decisões, portanto complexo. Para Desser (1993), na modernidade, a adolescência deve ser encarada como um período de transição entre a infância e a idade adulta, fase esta marcada, também, por um estado de menor responsabilidade, maior liberdade e a consolidação de alguns direitos como se pode observar:

[...] ser adolescente em sua concepção moderna deve significar viver um período, transitório e legítimo, de menor responsabilidade (com referência à responsabilidade adulta frente ao trabalho, à família) combinada com maior liberdade (referida em parte, a menor independência da criança, e em parte, decorrente da menor responsabilidade) e certos direitos (à experimentação, à descoberta; o que deve incluir os âmbitos da afetividade e da sexualidade) (DESSER, 1993, p. 17).

De acordo com D'Andrea (1989), a adolescência tem início entre os 10 e 12 anos. É uma fase que se caracteriza pelo crescimento e amadurecimento físico juntamente com os

conflitos emocionais que, nessa etapa da vida, tornam-se mais intensos, fazendo com que o adolescente busque reorganizar sua personalidade, buscando um equilíbrio.

Para Aberastury (1981), o mundo adulto é muito desejado, porém temido pelo adolescente. Alcançar a vida adulta representa a superação do mundo infantil. As transformações psicológicas acontecem paralelamente às mudanças corporais, e esse período de transição “leva a uma nova relação com os pais e com o mundo” (ABERASTURY, 1981, p. 13).

O autor ainda acentua que, ao chegar à adolescência, o indivíduo desprende-se do corpo de criança e passa por conflitos em que ele quer ser independente e, ao mesmo tempo, sente-se dependente diante de tantas transformações.

Para esse mesmo autor, a adolescência “é um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso caracterizado por fricções com o meio familiar e social” (ABERASTURY, 1981, p. 13). Salienta, ainda, que tanto as transformações corporais, que são inevitáveis, como as imposições do mundo externo requerem que o adolescente relacione novas formas de convivência e, no início, esse tipo de situação é vista como uma forma de invasão.

No adolescente, tais transformações fazem com que haja uma perda de sua identidade infantil e com isso, busque uma nova identidade. Essa nova identidade vai se construindo aos poucos. O jovem então escolhe alguns adultos como exemplo e outros ele não aceita como ideal, ou seja, não os quer como modelo.

Há, então, um extenso processo de busca dessa nova identidade e isso explica o porquê dos adolescentes estarem sempre mudando de comportamento. Ora eles querem ser como a pessoa famosa da tevê, ora eles querem ser como o colega e assim por diante, até encontrarem uma personalidade própria. Outro fator que explica essa procura por uma identidade é o fato de, num período curto de tempo, a adolescente mudar seu estilo de se vestir várias vezes.

Segundo D’Andrea (1989), a adolescência divide-se em três etapas que são: pré-puberdade, puberdade e pós-puberdade. Para esse mesmo autor, a pré-puberdade é marcada pelo rápido desenvolvimento físico. O indivíduo está deixando a infância e entrando no mundo adulto. Nessa etapa há uma intensificação das atividades físicas, intelectuais e artísticas, bem como das aspirações emocionais e da disposição em procurar pessoas fora do seu círculo familiar para odiar, amar ou identificar-se.

D’Andrea (1989), ainda completa dizendo que o adolescente apresenta um crescente senso de responsabilidade e independência. Também sente uma grande necessidade de ser reconhecido como adulto; porém, muitas vezes, ainda se sente como

criança vivendo um conflito interno, ora tem atitudes de criança, ora quer ser visto como adulto, ou seja: “O conflito universal que se carrega durante toda a vida e que é a necessidade de ser reconhecido como adulto e o desejo de permanecer criança tem na pré-puberdade sua maior expressão” (D’ANDREA 1989, p. 86).

Segundo o mesmo autor, o conflito existente entre a independência e a dependência pode-se agravar ainda mais quando os pais não sabem lidar com essa situação e acabam podando essa liberdade ou estimulando-a de forma excessiva. Outro fator, que é bem presente nessa idade, é o crescente desenvolvimento da sexualidade e isso influencia muito nas sensações e sentimentos, despertando para uma sensibilidade maior para o erotismo.

De acordo com Aberastury (1981), não é só o adolescente que sofre com todas essas mudanças, os pais geralmente têm relutância em admitir o crescimento de seus filhos, pois eles sentem-se rejeitados diante da livre manifestação da personalidade própria que o adolescente adquire. Neste sentido, quando a criança torna-se adolescente e toma para si essa personalidade própria, os pais vêm-se frente a frente com a aprovação ou desaprovação de seus filhos; pois agora eles pensam e refletem sobre o que os pais lhes querem impor. Se eles acham que o que os pais querem que eles aceitem não está ou vai de encontro com seus desejos deles, então agem ao contrário, isto é, de acordo com sua vontade. Esse tipo de situação frustra os pais porque eles sentem que estão perdendo o controle sobre seus filhos, causando atritos familiares.

Para D’Andrea (1989), o adolescente tende a rejeitar as pessoas da sua família, como pais, irmãos mais velhos, avós, etc. e procura como referência pessoas que estão fora do seu círculo familiar, ou seja: “Na adolescência [...] o jovem procura fazer tudo para ser diferente dos pais, seus antigos objetos de identificação. Os sentimentos e impulsos são dirigidos para indivíduos fora da família” (D’ANDREA, 1991, p. 88).

Esse mesmo autor ressalta que os pais vêm com receio a atitude do filho em procurar outras pessoas para se identificarem, pois se sentem trocados e têm medo de que os filhos esqueçam os ensinamentos que lhes foram passados até então:

A percepção pelos pais de que os filhos estão tentando trocar os ideais familiares por outros externos, geralmente os deixa ressentidos e resistentes a compreender os esforços do adolescente em criar uma identidade própria. Pensam, usualmente, que tudo o que aprenderam no lar será esquecido e que seu trabalho em transmitir-lhes os preceitos morais e normas sociais foi perdido, prejudicando, em grande parte, sua tarefa de seleção e integração das identificações parciais que constitui o processo de formação da identidade pessoal (D’ANDREA, 1989, p. 89).

Para Aberastury (1981), ao tornar-se adolescente, o jovem deixa de idealizar seus pais que antes eram vistos como perfeitos e passam agora a ser sujeitos portadores de defeitos, porém nem sempre os pais estão preparados para aceitar críticas com relação ao seu comportamento.

Uma forma que os pais encontram de ainda manter certo controle sobre seus filhos é através de fatores econômicos. Os adultos, geralmente, usam a dependência financeira dos filhos para poder exercer poder sobre eles, e esse tipo de situação “cria um abismo e um ressentimento social entre as duas gerações” (ABERASTURY, 1981, p. 17).

Ainda segundo o mesmo autor, o antagonismo que se estrutura entre essas duas gerações também ocorre pelo fato de que o adulto apega-se ao seu “mundo de valores que, com triste freqüência, é o produto de um fracasso interno e de refúgio em conquistas típicas de nossa sociedade alienada, enquanto o adolescente defende os seus valores e despreza os que o adulto quer lhe impor” (ABERASTURY, 1981, p. 17). Portanto, o adolescente entende os valores e as imposições de seus pais como algo do qual eles precisam fugir ou desviar-se.

A amargura, a contestação, a revolta e os transtornos são inevitáveis. Eles podem ser passageiros, porém merecem uma atenção especial, pois é nesse momento que o adolescente também sente que deve programar sua vida e dominar as mudanças. Sente a necessidade de ajustar o mundo externo às suas necessidades. Para Aberastury (1981, p. 17), isso explica os anseios que os adolescentes geralmente têm por reformas sociais e: “A inserção no mundo social do adulto – com suas modificações internas e seu plano de reformas – é o que vai definindo sua personalidade e sua ideologia” (ABERASTURY, 1981, p. 17).

De acordo com D’Andrea (1989), após passada essa primeira fase, o adolescente entra na puberdade, que é a etapa em que se inicia, segundo o autor, mais ou menos aos treze anos. Nesse período, ocorre a maturação dos órgãos reprodutores, habilitando o indivíduo para a sexualidade adulta. Tratando-se do sexo feminino, é na puberdade que ocorre a menarca (primeira menstruação). Segundo o autor, a menarca é conseqüência das “modificações físicas e mentais que vinham ocorrendo na menina pré-pubere, é o sinal mais importante de que ela está definitivamente abandonando os anos de infância para tornar-se mulher” (D’ANDREA, 1991, p. 90).

Nesse sentido, nesse momento da vida é muito importante a informação sobre as transformações pela qual a adolescente está passando; porém algumas mães ainda se sentem inseguras em tratar de assuntos dessa natureza com suas filhas que, muitas vezes, acabam por

procurar conhecimento sobre o assunto com outras pessoas, como suas amigas que também, ainda, não estão totalmente, ou quase nada, informadas de maneira correta:

Certas mães e alguns mestres obedecendo a uma moderna orientação procuram instruir a menina pré-puberal sobre o significado e fisiologia da menstruação. São, entretanto uma minoria diante do grande número de pessoas insuficientemente informadas e emocionalmente bloqueadas, incapazes de orientar adequadamente as crianças, neste assunto (D'ANDREA, 1989, p. 92).

Mas as transformações físicas não são os únicos obstáculos do adolescente. Lá pelos quinze a vinte anos, que é a idade que segundo o autor inicia-se o período da pós-adolescência, o indivíduo, para poder tornar-se um verdadeiro adulto, necessita da escolha de uma vocação para si, ou seja, começa a pensar no que quer estudar e no que vai trabalhar. Também sente uma necessidade de tornar-se senhor de si, de libertar-se do poder familiar. Também começa a relacionar-se com o sexo oposto de uma forma diferente da qual vinha fazendo até então. Procura definir sua personalidade e busca uma identidade pessoal.

Conforme Aberastury (1981), para o adolescente, sua nova forma de vida requer que ele pense nos seus valores intelectuais, éticos e afetivos e isso envolve o nascimento de novos ideais, assim como requer que ele adquira a vontade de lutar para alcançar esses objetivos e ideais. Mas, da mesma forma, o adolescente tem que se preparar para viver na realidade que nem sempre estava presente quando ele era criança.

Muitas vezes, o adolescente fecha-se num “mundo só dele” onde ele é um ser onipotente. Faz isso para buscar as respostas dos conflitos que está vivendo, por isso, quase sempre, o jovem torna-se hostil frente aos seus pais e também ao mundo, visto que se sente impotente diante das situações as quais ele não sabe lidar, então age com desconfiança, pois tem a idéia de não ser compreendido e, assim, acaba rejeitando a própria realidade.

O adolescente passa por todos esses embates internos e enfrenta o mundo adulto, e com isso pais ao sentem-se ameaçados, reputados e incomodados pelo surgimento da personalidade do filho, geralmente reagem com incompreensão, repulsa e acabam reforçando sua autoridade e para isso muitas vezes usam a violência.

Nessa circunstância, o adolescente geralmente também faz uso da violência, pois é nela que encontra a resposta para a opressão institucionalizada das forças de ordem familiar e social. De acordo com Aberastury (1981), “O adolescente cujo destino é a busca de idéias e de figuras idéias para identificar-se, depara-se com a violência e o poder e também os usa” (ABEERASTURY, 1981, p. 19). Ainda Aberastury completa dizendo que:

Tal posição ideológica no adolescente é confusa e não pode ser de outra maneira, porque ele está procurando uma identidade e uma ideologia, mas não as tem. Sabe o que não quer muito mais do que o que quer ser e fazer de si mesmo, por isso os movimentos estudantis carecem, às vezes, de bases ideológicas sólidas. Frequentemente, o adolescente se submete a um líder que o guia e, no fundo, substitui as figuras paternas das quais está procurando separar-se, ou não tem mais remédio, a não ser procurar uma ideologia própria que lhe permita agir de uma maneira coerente no mundo em que vive. Mas sendo assim, e não tendo tempo para alcançá-la, se sente oprimido e responde com violência (ABERASTURY, 1981, p. 19).

Os adolescentes estão em busca de conquistas e satisfazem-se com elas, porém se essas conquistas são vistas com indiferença pelos pais e pela sociedade, emerge no adolescente o sentimento de rejeição e sofrimento, por isso, quanto maior a pressão familiar e a incompreensão frente às transformações vivenciadas na adolescência, maior o favorecimento ao uso da violência e da rebeldia. Geralmente é nesse momento que os pais recorrem a alguns meios de coação, entre eles: o controle financeiro e o controle da liberdade.

Por isso se faz necessário construir um diálogo entre pais e filhos desde crianças, para que o adolescente se sinta à vontade para se aproximar e conversar com seus pais nesse período. Segundo Aberastury (1981), o adolescente:

Sente uma grande necessidade de ser respeitado na sua busca desesperada de identidade, de ideologia, de vocação e de objetos de amor. Se esse diálogo não se estabeleceu, é muito difícil que no momento da adolescência haja uma compreensão entre os pais e os filhos (ABERASTURY, 1981, p. 20).

Para Aberastury (1981), os pais deveriam entender que na adolescência, tanto as meninas quanto os meninos passam por um período intenso de dependência, e que necessitam deles tanto quanto quando eram crianças. Porém essa necessidade de dependência pode ser rapidamente transformada em uma necessidade de independência. É nessa hora que os pais devem se tornar espectadores ativos ao perceberem essa necessidade de seus filhos e poder acompanhá-los de forma a ajudá-los a não complicar mais esse processo de amadurecimento.

Para o autor D'Andrea (1989), "O período pós-puberal é o mais conflitivo em nossa sociedade, é a época em que maior número de incompreensões e atritos entre as gerações ocorrem e para a qual os valores sociais são mais incoerentes" (D'ANDREA, 1989, p. 98). Ainda segundo o mesmo autor, em algumas culturas, essencialmente em povos primitivos, os preceitos da sociedade consentem que o adolescente ao chegar a puberdade já encontre, mais

ou menos determinado, o modelo de comportamento que deve ter e o lugar que deve exercer no grupo ao qual pertence.

Ao ter determinado o seu papel pelos valores grupais, torna-se mais simples o exercício de definir-se profissionalmente, de relacionar-se amorosamente e de ter uma idéia apropriada de sua identidade própria. Em algumas etnias, são impostas tarefas aos jovens os quais devem cumpri-las, para poderem ser aceitos como jovens. Essas passagens são chamadas de rituais de iniciação. Já os adolescentes que vivem na nossa sociedade estão em uma posição oposta aos adolescentes dessas culturas. Nossos jovens passam por problemas psicossociais devido aos seguintes fatores:

1) Duração demasiada longa do período que vai desde a puberdade até a fase adulta. Isto está ligado a critérios mais ou menos arbitrários da maturidade e a complexidade instrumental do meio ao qual o adolescente deve se adaptar. 2) Cultura conflitiva, com valores antagônicos ou contraditórios, por exemplo, ideais cristãos de fraternidade em contraposição com idéias capitalistas de competição. A mesma cultura cria necessidades secundárias através dos veículos de comunicação de massa e não oferece recursos para a satisfação da maioria destas necessidades. 3) A sociedade cria a expectativa de que o jovem seja capaz de realizar-se sexualmente, mas ela própria estabelece exigências e proibições contrárias as tendências naturais do individuo. Aqui também, a propaganda estimula as necessidades sexuais que nem sempre encontram condições favoráveis para sua satisfação. 4) Não há uma posição social definida para o adolescente. Não sendo considerado nem adulto nem criança, o jovem ocidental tem papéis incaracterísticos e imprecisos. Assim tem poucas oportunidades de aprender a decidir por si mesmo a ser responsável pelos próprios atos e a tomar iniciativas (D'ANDREA, 1989, p. 99).

Fora esses aspectos sócio-culturais que tornam a adolescência uma fase complexa, pois esse período já tem uma tendência a ser uma época difícil, ainda se apresentam problemas de ordem familiar. Os pais, ainda imaturos em como lidar com essa explosão de sentimentos dos filhos tendem a prolongar o máximo possível a relação de dependência dos seus filhos, pois "As tentativas de independência de muitos adolescentes são muitas vezes consideradas pelos pais com o apoio de outros adultos, como manifestações de mal comportamento, para o qual impõem corretivos" (D'ANDREA, 1989, p. 100).

No meio desses conflitos, o adolescente tem que decidir sobre uma carreira profissional a qual precisa seguir; libertar-se da dependência familiar; suprir as necessidades de interação com o sexo oposto e adquirir uma identidade própria. Para D'Andrea (1989), o problema vocacional talvez seja o maior obstáculo que o adolescente tem que enfrentar, pois, está diretamente ligado à sobrevivência, entendendo sobrevivência no sentido amplo da

palavra, ou seja, está ligado a sua independência financeira e familiar, a um status de finalmente ter chegado ao mundo adulto.

Para o autor, a nossa cultura preocupa-se, quase que restritamente, com a vocação profissional e julga que o preparo técnico é o bastante para adquirir os meios de subsistência. Parece considerar que o aprendizado sobre os direitos e deveres do cidadão e o preparo para a paternidade, ou no caso das meninas a maternidade, e a vida familiar são obtidos simplesmente pelo contato com o meio.

Segundo D'Andrea (1989), são as meninas que sofrem mais intensamente os embates vocacionais, pois a sociedade moderna concede às mulheres a concorrência profissional com os homens, coloca em dúvida sua vocação biológica para a maternidade e a vida de dona de casa. E, no meio de todo esse embaraço que se torna a vida dos jovens, os pais têm papel fundamental. Eles devem, desde cedo, conversar com seus filhos; estar abertos para o diálogo e transmitir a idéia de que a vocação representa uma coisa particular e que todos a têm, seja ela no plano profissional, familiar ou social.

Outro fator muito importante na emancipação do jovem é a superação da dependência familiar, como já foi dito anteriormente, para que isso ocorra é preciso que os pais também amadureçam e entendam que seus filhos estão crescendo e os ajude a entender todo esse processo. Porém existem alguns fatores que colaboram para manter a dependência dos jovens, entre eles estão: o desejo imutável de proteção por parte do adolescente; a resistência em assumir responsabilidades; a relutância em colaborar com os adultos e o medo de ser criticado em suas decisões. Esses fatores são por parte do adolescente; já por parte dos pais, atenta-se para a necessidade de manter-se a autoridade sobre o adolescente, pois temem que ele venha a sofrer se não estiver sobre sua proteção. O preceito de que os jovens não são capazes de serem autônomos e, também, o ciúme dos filhos quando eles relacionam-se com pessoas fora do lar.

Os pais, ao perceberem que os filhos estão cada vez menos procurando a sua colaboração nos assuntos particulares, até aceitam intelectualmente a independência dos jovens, porém não conseguem evitar sentimentos de diminuição da auto-estima. Então, para tentar manter sua antiga superioridade sobre os filhos, começam a impor-lhes restrições. Essas limitações nem sempre são plausíveis, tendem a banalizar-se e, às vezes, tomam forma de recriminação a qualquer expressão de independência do adolescente por mais inofensiva que seja. Algumas das formas que os pais encontram para tentar impor-se novamente é criticando a maneira de vestir dos filhos, suas amizades, suas leituras, suas diversões e nessas circunstâncias o adolescente aproveita as atitudes dos pais para fortalecer suas necessidades

de independência. Com isso, segundo D'Andrea, "Aparecem, então, os conflitos abertos: quanto mais os pais interferem nas atitudes dos filhos mais estes se rebelam" (1989, p. 102).

Os adolescentes procuram distanciar-se do julgamento dos pais pela depreciação de seus atributos. Neste momento, o jovem percebe que os pais não são pessoas perfeitas como eram vistos até então, e isso causa embates entre essas duas gerações.

Ao atingirem essa idade, os jovens começam também a relacionar-se mais como o sexo oposto e segundo D'Andrea (1989), à primeira vista, este contato inicia-se mais com propósitos sociais do que sexuais. Ao relacionarem-se, os jovens começam a perceber que eles têm dificuldades e problemas em comum e sentem-se melhor em dividir essas questões entre eles. É também nessa idade que os jovens começam a sair mais, a conhecer pessoas novas e, conseqüentemente, a ter um contato físico maior com outras pessoas, gerando assim os relacionamentos afetivos. É a partir daí que o jovem vai descobrindo o sexo oposto.

## **2 O CENTRO COMUNITÁRIO E SOCIAL DORCAS – CASA DE MENINAS DORCAS DO MUNICÍPIO DE TOLEDO**

### **2.1 A INSTITUIÇÃO DORCAS**

O Centro Comunitário e Social Dorcas foi fundado em 06 de junho de 1992 e está localizado na Rua Lopei, nº 65 no Bairro Vila Pioneiro. É uma associação civil de direito privado e caráter assistencial sem fins lucrativos ou econômicos, ligada à Igreja Evangélica Congregação Cristo Redentor.

A Congregação Cristo Redentor de Toledo é filiada à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e iniciou seus trabalhos no Município de Toledo em setembro de 1966. O Pastor Nelson Kissler, que já trabalhava na área social no Estado do Rio Grande do Sul, e demais lideranças da Congregação Cristo Redentor de Toledo começaram uma busca por conhecer a realidade presente neste Município. A partir daí, passaram a participar de reuniões com órgãos, entidades e pessoas envolvidas e preocupadas com a questão da criança e do adolescente.

Eles perceberam a necessidade de atendimento às mães adolescentes e solteiras, de famílias de baixa renda que, muitas vezes, eram abandonadas pelos seus familiares quando descoberta a gravidez. Essas adolescentes, então, não recebiam nenhum tipo de apoio e orientação.

Segundo consta nos relatórios da instituição, iniciou-se um trabalho com um grupo de adolescentes grávidas que enfrentava dificuldades de aceitação e de apoio familiar, como também, de orientação e de recursos materiais. Tais jovens eram encaminhadas à igreja por órgãos do município. O atendimento era prestado nas dependências da Igreja que se localiza no centro da cidade. Isso dificultou o acesso e o desenvolvimento dessa proposta.

Nessa etapa do processo, a liderança desse trabalho buscou orientação junto aos órgãos de Assistência Social do Município e estudou quais seriam as melhores formas de atender efetivamente à população. Constatou-se a necessidade de realizar um trabalho preventivo, oferecendo oportunidades para o desenvolvimento de atividades orientadas e de formação semiprofissional, assim como de acompanhamento e apoio às adolescentes grávidas.

Durante esse período, a entidade encaminhou pedido à prefeitura e conseguiu a doação de um terreno para a construção sede da Casa de Meninas Dorcas num bairro de grande densidade populacional. Logo após a doação do terreno, foram encaminhados projetos para a construção, bem como para a aquisição dos equipamentos das dependências da Casa, visando ao atendimento à população.

O Centro Comunitário e Social Dorcas obteve apoio a sua proposta de prestar atendimento às crianças e às adolescentes quando, através da doação, recebeu o terreno e os recursos para construir e equipar o prédio. O local escolhido para a construção da entidade foi a Vila Pioneira, pois possuía uma numerosa população. Assim, a entidade passou a atender com ações sócio-educativas e cursos semiprofissionalizantes no contra-turno escolar.

Atualmente a unidade pioneira tem a capacidade de receber 220 (duzentos e vinte) meninas e o objetivo de sua ação é o atendimento às crianças, às adolescentes e às famílias em situação de risco pessoal e social. Esse atendimento dá-se, como referido anteriormente, através do sistema de contra-turno social com ações sócio-educativas e complementares que priorizam o lúdico, o cultural, a interação social e a construção e a defesa da cidadania, observando as prerrogativas da legislação vigente em nosso país, por exemplo, como o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS).

No ano de 2003 foi implantada a unidade II da entidade no Bairro Jardim Coopagro, O Centro Integrado Amigos da Família que tem a capacidade de receber 280 (duzentas e oitenta) crianças e adolescentes. Essa unidade tem um diferencial em relação à unidade I, que é atender tanto meninas como meninos. A faixa etária das crianças e dos adolescentes acolhidos pelas duas unidades varia de 06 até 17 anos.

A manutenção desse trabalho ocorre através do repasse mensal de recursos dos convênios com a Prefeitura Municipal e através do Fundo Municipal de Assistência Social. que recebe recursos referentes a 110 metas mensais de atendimento na unidade um e 180 metas executadas na unidade dois. Além disso, atende a 128 metas no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) para realização do programa Jornada Ampliada.

Para manter o atendimento às crianças e às famílias que não estão entre as metas conveniadas e, complementar os recursos necessários para sua manutenção e de seus programas, a instituição realiza eventos, promoções, apadrinhamentos e busca a colaboração da comunidade em geral. Essa colaboração é feita através de doações que permitem a continuidade do trabalho.

É importante destacar que o Centro Comunitário e Social Dorcas criou um evento inédito em Toledo e que faz parte do Calendário Oficial de Eventos do Município: “A Festa das Tradições Italianas e Germânicas” que ocorre anualmente, no mês de agosto com comidas típicas e apresentações culturais. O evento tem por objetivo divulgar as tradições do povo italiano e alemão, colonizadores da região, e também angariar recursos para a entidade.

Na instituição, a programação desenvolvida com as crianças e com os adolescentes abrange diversas áreas como a da saúde, do reforço escolar, da recreação, dos cursos

ocupacionais, do relacionamento interpessoal, do acompanhamento familiar e escolar. As atividades são desenvolvidas dentro de uma rotina semanal, em que há escolha e rodízio nos cursos oferecidos, as demais são comuns a todo o grupo, respeitando sempre a divisão por faixa etária.

Dessa maneira, a instituição visa a oferecer oportunidades para o resgate e o fortalecimento da auto-estima, a descoberta de dons e a capacidades e a valorização da responsabilidade e do respeito ao outro. Para alcançar esses objetivos, a entidade dá ênfase às atividades que colaborem nesses aspectos. Entre elas estão: os esportes, o circo, a música, o grupo de canto e o coral. Essas atividades têm sido destaque, pois oferecem a oportunidade de aprendizagem de uma atividade envolvente, a descoberta de capacidades e a oportunidade de participar de diversos eventos dentro e fora do Município.

A instituição busca integrar as adolescentes à família e à comunidade através de atividades específicas, para, de forma conjunta, atuar visando à superação de dificuldades surgidas no decorrer do processo. A fim de proporcionar essa integração, a instituição promove quatro mostras de Noites Culturais. O intuito de tal ação é oferecer as crianças e adolescentes a oportunidade de apresentar as atividades das oficinas culturais para suas famílias e para a comunidade em geral.

Outras formas de fortalecer os vínculos familiares, escolares e sociais ocorrem através de uma orientação integral; atividades adequadas às faixas etárias; ambiente estimulador do fortalecimento da estrutura familiar e valorização da escola. Assim, a instituição visa a contribuir para a construção de cidadãos plenos, atuantes e colaboradores da sociedade.

Conforme poderemos verificar no quadro número um, o atendimento na instituição foi ampliando-se anualmente.

**QUADRO 1 – NÚMERO DE ATENDIMENTOS ANUAIS (NA UNIDADE I, E, A PARTIR DE 2003, TAMBÉM NA UNIDADE II**

ANO	FAIXA ETÁRIA	NÚMERO DE ATENDIMENTOS
1995	16-18	12
1996	12-17	38
1997	09-17	52
1998	09-17	72
1999	08-17	82
2000	08-17	112
2001	07-17	200
2002	07-17	220
2003	06-17	500
2004	06-17	500
2005	06-17	500
2006	06-17	500

Fonte: Relatório Anual de Atividades da Entidade

É importante destacar que no ano de 2000 houve um aumento da área física da unidade I, o que possibilitou o acréscimo gradativo do número de atendimentos. Outro acontecimento importante a ser salientado é que, até o ano de 2006, apenas uma assistente social era responsável pelas duas unidades tanto na Vila Pioneira como no Bairro Jardim Coopagro.

A partir do ano de 2007, foi contratada mais uma assistente social para trabalhar na unidade II, abrindo assim um campo de trabalho e quem sabe, futuramente, um campo de estágio para a universidade.

Todo o movimento histórico percorrido pela instituição está registrado em atas, relatórios anuais, livros de registro, folhas de frequência das turmas e caderno de planejamento. A instituição possui seu próprio estatuto e regimento nos quais estão registrados como cada membro que faz parte da instituição deve proceder.

A instituição tem seus associados divididos em fundadores e contribuintes. A entidade possui órgãos como: Assembléia Geral, Conselho Consultivo, Conselho Fiscal e Diretoria.

De acordo com o Estatuto da Instituição, a Assembléia Geral é um órgão soberano do Dorcas e será constituído pelos associados quites com a tesouraria. O Conselho Consultivo é um órgão de apoio à diretoria da entidade. É composto por cinco membros, dentre eles o presidente e o tesoureiro da diretoria os quais são membros natos do Conselho Consultivo. O Conselho Fiscal é composto por três membros e três suplentes.

Compete à diretoria: promover a realização do que se destina à entidade Dorcas, promover projetos a serem analisados junto com o Conselho Consultivo; prover cargos administrativos, técnicos e de pessoal, podendo ou não fixar seus vencimentos.

O mandato de todos os membros tanto da Diretoria como o do Conselho Consultivo e Conselho Fiscal, tem a duração de dois anos. A instituição possui registro no Conselho Municipal de Assistência Social, no Conselho Estadual de Assistência Social e no Conselho Nacional de Assistência Social e também possui o certificado de Beneficência.

A instituição conta com recursos humanos, físicos, orçamentários e uma infraestrutura. Na equipe de recursos humanos há uma assistente social, uma psicóloga, uma pedagoga, quatro instrutoras, um professor de coral, uma cozinheira, uma auxiliar de serviços gerais, uma secretária e três estagiárias de serviço social. A instituição possui uma área construída de 780 (setecentos e oitenta) metros quadrados.

Nos recursos físicos o Centro Comunitário e Social Dorcas é composto por uma secretaria, uma sala de informática, quatro salas de atividades, uma sala de vídeo, uma biblioteca, um almoxarifado, cozinha, refeitório, dois banheiros e dois veículos. Cada local mencionado é equipado com instrumentos específicos para diversas atividades, dentre eles: computadores, equipamentos para secretaria, móveis, como por exemplo, mesa, cadeiras, escrivaninhas, balcões, armários e material didático-pedagógico.

Para os recursos orçamentários, a instituição conta, como já foi mencionado anteriormente e agora mais bem detalhado, com um repasse mensal de recursos dos convênios com a Prefeitura Municipal, através do Fundo Municipal de Assistência Social que recebe recursos referentes a 110 metas mensais de atendimento na unidade I e 180 metas executadas na unidade II, além disso, atende a 128 metas no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) para a realização do Programa Jornada Ampliada.

Para manter o atendimento às crianças e às famílias que não estão inseridas entre as metas conveniadas e, complementar os recursos necessários para sua manutenção e de seus programas, a entidade realiza eventos, promoções, apadrinhamentos e busca a colaboração da comunidade em geral através de doações que permitem a continuidade desse

trabalho. Também busca recursos oriundos da parceria com a FASUL, resultante do faturamento do estacionamento.

## 2.2 PLANOS, PROGRAMAS E PROJETOS

A instituição desenvolve suas ações através de vários programas que são diferenciados quanto ao seu público alvo. Os programas são desenvolvidos há vários anos e vêm atender às demandas da população usuária. São eles:

### **2.2.1 Programa de Apoio e Ações Sócio Educativas às Famílias – Família Feliz**

Este programa tem por objetivo fortalecer o grupo familiar por meio de atividades voltadas para a família. As suas atividades compreendem reuniões, palestras, inserções em cursos, programas e divulgações de informação. Essas atividades são realizadas mensalmente de janeiro a dezembro.

O público alvo desse projeto são as famílias residentes no Município de Toledo cujas crianças e adolescentes estejam freqüentando a instituição tanto na unidade I como na unidade II.

### **2.2.2 Programa de Jornada Ampliada – Crescer Feliz**

O objetivo desse programa é oportunizar atendimento às crianças e às adolescentes, na faixa etária de 06 a 17 anos, consideradas em situação de vulnerabilidade. Nele são desenvolvidas atividades variadas e ocupacionais de orientação, estudos, e iniciação ao trabalho.

Essas atividades contribuem para o desenvolvimento, o fortalecimento e o exercício da cidadania das crianças e dos adolescentes que freqüentam a instituição. As atividades são realizadas diariamente, de janeiro a dezembro, no período complementar à escola, totalizando 20 horas/semanais com cada grupo.

### **2.2.3 Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI**

O objetivo desse programa é oportunizar o atendimento às crianças e aos adolescentes do sexo feminino e masculino, na faixa etária de 06 a 17 anos, considerados em situação de vulnerabilidade e risco de trabalho infantil. O atendimento é realizado em forma de contraturno escolar a 128 (cento e oitenta) crianças e adolescentes. As atividades são realizadas diariamente, de janeiro a dezembro, totalizando 20 horas/semanais.

Os três programas, acima descritos, são desenvolvidos tanto na unidade da Vila Pioneira como na unidade do Jardim Coopagro. Além desses três, a unidade II também desenvolve outros programas que são:

### **2.2.4 Programa de Apoio e Ações Sócio Educativas com o Idoso – Programa Ativa Idade**

Esse programa atende a 100 (cem) idosos, residentes no Bairro Pioneiro ou Coopagro e tem o intuito de fortalecer o idoso em situação de vulnerabilidade; desenvolver ações com enfoque sócio-educativo, de orientação individual e de grupo; além de incentivar a participação em campanhas comunitárias; resgatar a auto-estima e orientá-lo quanto às questões de saúde, educação e direitos sociais.

### **2.2.5 Programa Abrigamento Casa Lar Dorcas**

O objetivo desse programa é acolher e oferecer proteção às crianças e às adolescentes que tiveram seus direitos violados pela falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis. Esse programa tem a capacidade de atender a 10 (dez) crianças e adolescentes de 06 a 12 anos, de ambos os sexos. A Casa Lar Dorcas localiza-se em anexo ao Centro Integrado Amigos da Família no Bairro Coopagro.

### 2.3 O TRABALHO DO ASSISTENTE SOCIAL NA INSTITUIÇÃO

No Centro Comunitário e Social Dorcas o serviço social sempre esteve presente, pois, desde sua inauguração, conta com a presença de uma assistente social. De lá para cá, já passaram pela instituição três profissionais da área. A última assistente social a ser contratada está na entidade desde 1998 e procura dar um embasamento metodológico a sua prática, tomando os princípios do Código de Ética profissional como base, dando cientificidade à profissão.

A assistente social tem a liberdade e permissão para participar de cursos, congressos, conferências para o aperfeiçoamento profissional. As atividades realizadas são planejadas em conjunto com a assistente social e com os funcionários que levam em conta os recursos financeiros, físicos e também a disponibilidade de pessoal. A instituição também conta com uma pedagoga e uma psicóloga, formando assim uma equipe interdisciplinar, oportunizando a troca de idéias e informações entre a equipe, viabilizando uma melhor intervenção.

Na instituição, a assistente social possui sala própria, oportunizando atendimentos individualizados, prezando assim a privacidade dos sujeitos e também possibilitando o sigilo profissional, pois os documentos específicos dessa área ficam em armários, dentro da sua sala, assegurando que outras pessoas não mexam.

Até o ano de 2006, a assistente social era responsável pelas duas unidades; porém, devido ao acúmulo de demandas e de trabalho, foi contratada, em 2007, mais uma assistente social para trabalhar na unidade do Bairro Jardim Coopagro.

### 2.4 O PROJETO MOMENTO DORCAS INFORMAÇÃO

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de Serviço Social da Unioeste-Campus de Toledo, “o estágio supervisionado é uma atividade curricular obrigatória que se configura com a inserção do acadêmico no espaço sócio-institucional a partir da terceira série do curso, objetivando capacitá-lo para o profissional”.

O estágio constitui-se um importante instrumento para os acadêmicos no que se refere ao conhecimento da prática e do exercício profissional. Significa pôr em prática os

conteúdos apreendidos até então em sala de aula e relacionar o referencial teórico com a prática profissional, uma aproximação com a realidade.

Então, de acordo com o PPP do curso, ingressei no campo de estágio Centro Comunitário e Social Dorcas. Uma das primeiras atividades propostas pela assistente social do local de estágio foi que, enquanto estagiária, realizasse encontros semanais com as adolescentes, a fim de criar um espaço de discussão de temas referentes a essa idade, pois como a instituição trabalha com o contra-turno escolar, precisa propor atividades para o seu público alvo.

Como é designado ao estagiário de serviço social, é necessário que este desenvolva um projeto de atuação durante o seu período de estágio, então foram propostos esses encontros cujo nome foi definido como: Momento Dorcas Informação. Esse projeto tem por objetivo proporcionar informação e conhecimento sobre assuntos pertinentes a essa idade; possibilitar, através do conhecimento, a discussão e a reflexão dos temas propostos para os encontros; viabilizar um espaço onde as adolescentes sintam-se à vontade para debater, expor suas opiniões e tirar suas dúvidas sem medo ou vergonha do assunto.

Os encontros são realizados semanalmente, às quintas feiras, no horário das 14 h às 15 h na sala de vídeo. Esses encontros sempre acontecem com supervisão da assistente social tanto na sua preparação como também no acompanhamento dos mesmos. Os temas propostos para tais encontros variam, como por exemplo: sexualidade, drogas, profissões, violência, meio ambiente.

### **3 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA**

#### **3.1 METODOLOGIA DA PESQUISA**

Tendo este Trabalho de Conclusão de Curso o objetivo geral de identificar e de analisar as implicações sociais da gravidez na adolescência enfrentadas pelas mães usuárias da instituição, optou-se pelos pressupostos teóricos metodológicos da abordagem qualitativa como método geral da pesquisa que, segundo Oliveira, é “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação” (OLIVEIRA, 2007, p. 37).

Ainda, segundo a autora, o método de abordagem qualitativa de pesquisa envolve um processo de estudo respectivo ao tema levantado, a utilização de questionários, observações, entrevistas e análise de dados coletados que devem ser exibidos de maneira descritiva. De acordo com Oliveira:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamento. (OLIVEIRA, 2007, p. 59)

Minayo (1994), ainda acrescenta que a pesquisa qualitativa, possibilita o aprofundamento nas relações e ações humanas, fenômenos que não podem ser analisados de forma numérica, para essa autora a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidas a operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p.22).

Atendendo a uma abordagem qualitativa, o método específico utilizado será o estudo exploratório que de acordo com Oliveira (2007, p. 65): “Este tipo de pesquisa objetiva dar uma explicação geral sobre determinado fato, através da delimitação do estudo, levantamento bibliográfico, leitura e análise de documentos.” Gil (2002), ainda completa dizendo que este tipo de pesquisa “[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41).

A técnica utilizada para obter as informações junto às mães foi à entrevista semi-estruturada, já que essa técnica segundo Oliveira “é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador e entrevistado e obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando” (OLIVEIRA, 2007, p. 86). Para essa mesma autora:

Os referenciais das entrevistas, além de estarem ajustados aos objetivos e hipóteses, devem ser adequados às especificidades de cada grupo para que se colha o máximo de informações que permitam uma análise mais completa possível. É importante que o pesquisador conheça o local onde reside ou trabalha o entrevistado e tenha um bom relacionamento com cada pessoa ou grupos que serão entrevistados. (OLIVEIRA, 2007, p. 86)

Outra técnica utilizada foi à observação, que, segundo Marconi e Lakatos (1999), é uma técnica de coleta de dados para obter conhecimento de um determinado grupo ou pessoa. Essa técnica utiliza-se dos sentidos na aquisição de determinados detalhes do real; porém não se fundamenta simplesmente em ouvir e ver, mas também em investigar fatos ou fenômenos que se quer analisar.

A observação é um elemento essencial de pesquisa científica, e, portanto de acordo com Marconi e Lakatos:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga os investigados a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 90).

Utilizou-se do questionário, das fichas de matrículas, do diário de campo e dos relatórios produzidos no decorrer do estágio como instrumentos na efetivação das técnicas. Os sujeitos da pesquisa foram todas as mulheres que engravidaram na adolescência e cujas filhas estão matriculadas esse ano na entidade. O que resultou num total de 21 (vinte e uma) mães. Para que os sujeitos da pesquisa se sentissem mais à vontade para responder as questões, as entrevistas foram realizadas nas suas próprias casas, e também para que as entrevistadas se inteirassem melhor do presente trabalho, foi realizada uma reunião com a presença das mesmas no dia 21 de agosto de 2008 no Centro Comunitário e Social Dorcas.

Nessa reunião foi explicado o que é o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e feita uma breve discussão sobre o tema proposto. Também foi feita a solicitação para uma efetiva

colaboração para a realização da pesquisa; porém compareceram somente nove mães nesse encontro.

Após montar o formulário de questões para a aplicação da pesquisa, foi realizado, no dia 16 de setembro de 2008, um pré-teste com uma das entrevistadas. O período em que as entrevistas foram realizadas estendeu-se do dia 23 de setembro de 2008 a 07 de outubro de 2008.

Torna-se importante ressaltar que, no início deste trabalho, pretendia-se entrevistar um universo de 21(vinte e uma) pessoas, porém, no decorrer da pesquisa, só foi possível trabalhar com 7 (sete) mulheres, visto que 6 (seis) delas se desligaram da entidade, 5 (cinco) não foram encontradas em suas residências e 3 (três) não foram localizados nos endereços que constavam nas fichas de matrícula da entidade, mas por várias vezes retornou-se a residência, porém nunca se encontrava ninguém em casa e, devido ao tempo, foi preciso encerrar os trabalhos, resultando, assim em um número final de 7 (sete) entrevistadas.

Ao término da pesquisa, pretende-se devolver o resultado aos sujeitos pesquisados, marcando, dessa maneira, uma reunião com todas as entrevistadas na instituição para a explanação do trabalho realizado e também, sob forma de doação, entregar uma cópia do TCC para a entidade. Neste sentido, entende-se que com a devolução dos resultados aos sujeitos participantes valoriza-se a sua importância e respeita-se a utilização dos dados na pesquisa.

Na apresentação e análise dos dados da pesquisa, optou-se, primeiramente, por realizar um perfil dos sujeitos pesquisados, para conhecer alguns aspectos relacionados ao cotidiano dessas pessoas. Para isso, utilizou-se da ficha de matrícula preenchida pelos pais ao matricularem suas filhas na instituição. Os dados coletados nessas fichas serão apresentados em forma de gráficos, sendo procedida sua análise e interpretação a partir do referencial teórico utilizado.

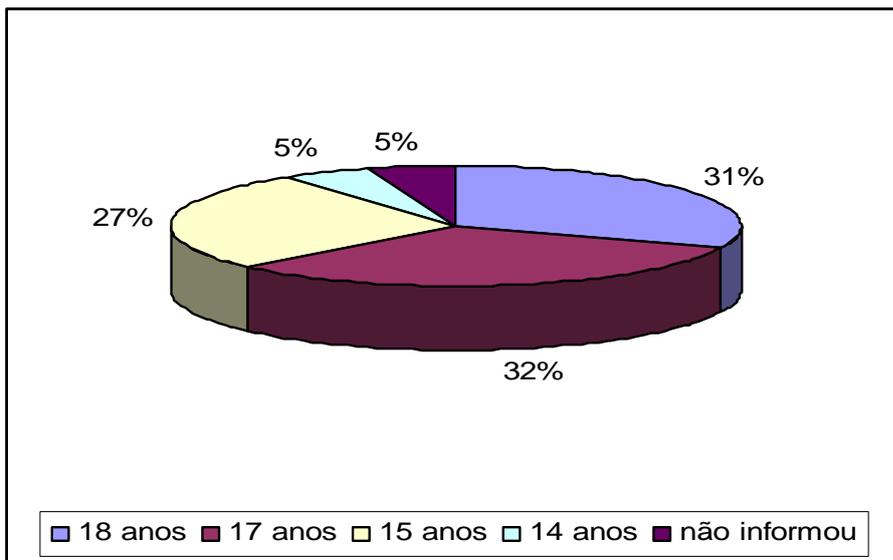
### 3.2 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

Pretende-se com este item conhecer melhor os sujeitos que participaram desta pesquisa, ou seja, saber quem são, quantos anos tinham na época da gravidez, qual a religião a que pertencem, há quanto tempo moram no município, qual a renda familiar, qual o estado civil e quantos filhos tem.

Como poderemos perceber no gráfico abaixo, em relação à idade que as mães tinham ao engravidar, das 21 participantes da pesquisa poder-se-á observar que 31,8% das

mães engravidaram com 18 anos; 31,8% na idade de 17 anos; com 15 anos foram 27,3% de mães grávidas; com 14 anos poder-se-á perceber 4,5% de grávidas e as que não informaram foram 4,5%.

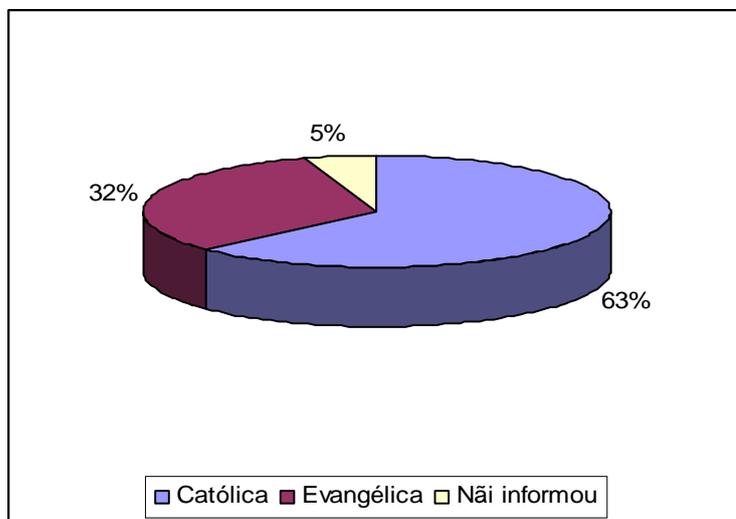
**GRÁFICO 1 – IDADE DAS MÃES NO PERÍODO DA GRAVIDEZ**



FONTE: Dados coletados no cadastro junto à Entidade

Pôde-se observar, através do gráfico acima, que a maioria das mães engravidou entre 17 e 18 anos.

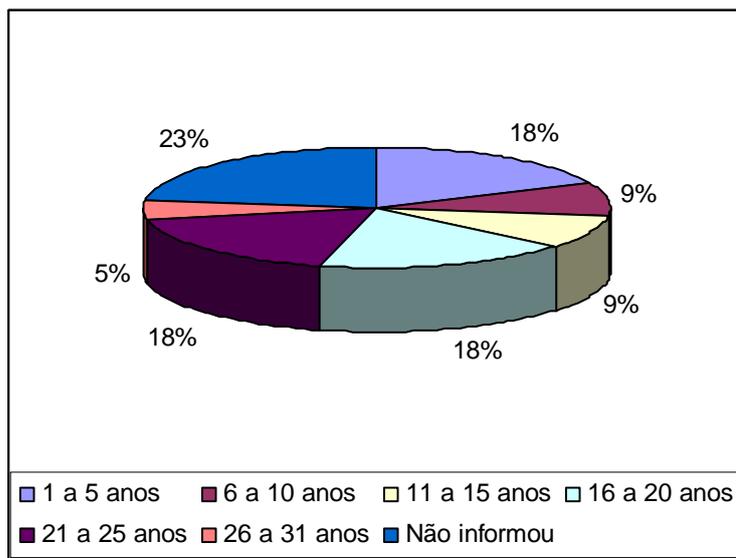
No gráfico 2 poder-se-á observar que 63,6% das mães são da religião católica; enquanto 31,8% são da religião evangélica e não informaram 4,5%.

**GRÁFICO 2 – RELIGIÃO DAS MÃES**

FONTE: Dados coletados no cadastro Junto à Entidade

Como se pôde analisar através do gráfico acima, mesmo a entidade sendo de cunho evangélico, a maioria dos sujeitos da pesquisa é da religião católica.

No gráfico 3 observar-se-á que o tempo de residência no município varia entre um a trinta e um anos. Também se notará que o número de pessoas que não informaram esse dado é elevado.

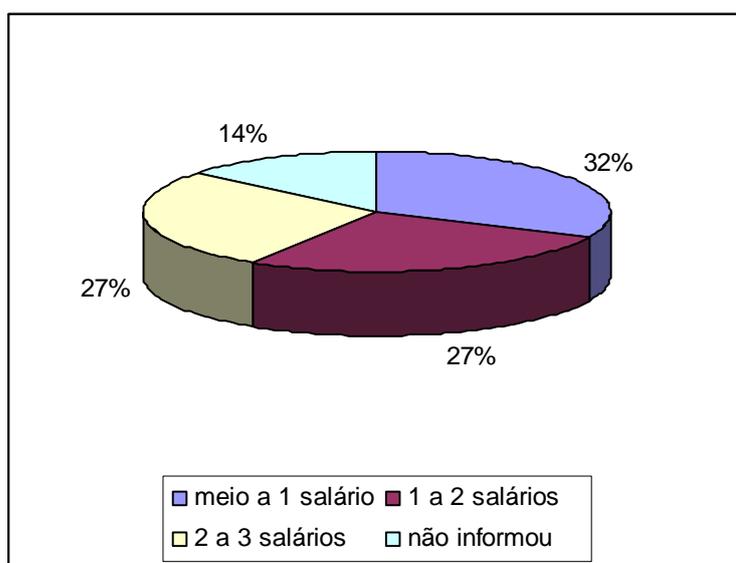
**GRÁFICO 3 – TEMPO DE RESIDÊNCIA NO MUNICÍPIO**

FONTE: Dados coletados no cadastro junto à Entidade

Através do gráfico acima, pôde-se perceber que a maioria dos sujeitos da pesquisa reside na Cidade de Toledo há pouco tempo, entre um e cinco anos.

No Gráfico 4 poder-se-á observar a renda familiar das mães pesquisadas que, na sua maioria, varia entre meio até um salário mínimo.

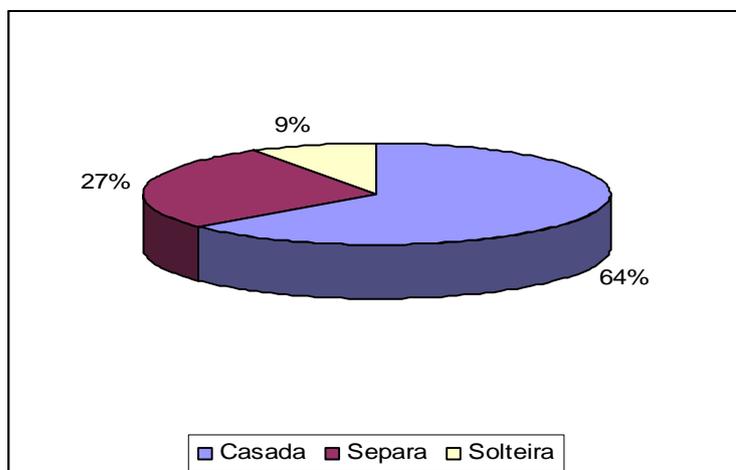
**GRÁFICO 4 – RENDA FAMILIAR**



FONTE: Dados coletados no cadastro junto à Entidade

Como se pôde observar no gráfico acima, a renda familiar dos sujeitos da pesquisa, na sua maioria, fica entre meio e um salário mínimo.

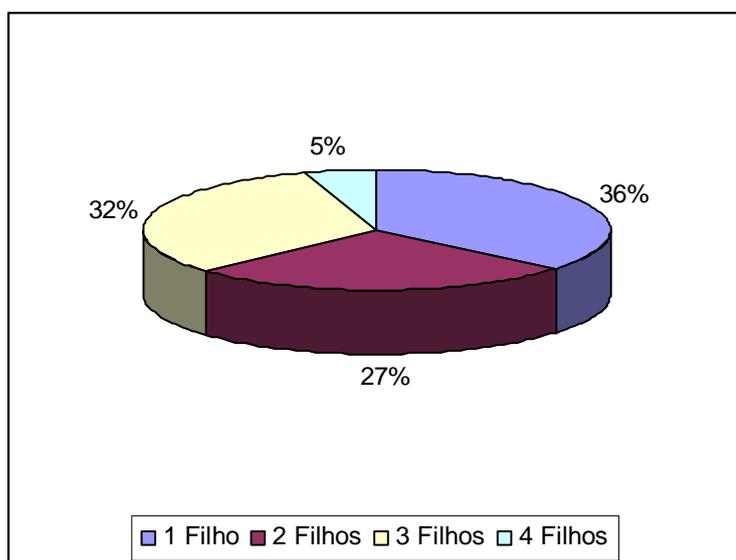
No Gráfico 5, poder-se-á verificar que 64% dos sujeitos da pesquisa são casados; enquanto 27% são separados e 9% solteiros.

**GRÁFICO 5 – ESTADO CIVIL**

FONTE: Dados coletados no cadastro junto à Entidade

Através do gráfico acima, pôde-se perceber que a maioria dos sujeitos da pesquisa é casada.

No Gráfico 6, observar-se-á que do total dos sujeitos da pesquisa 36% possuem 1 filho; 32% possuem 3 filhos; 27% possuem 2 filhos e 5% possuem 4 filhos.

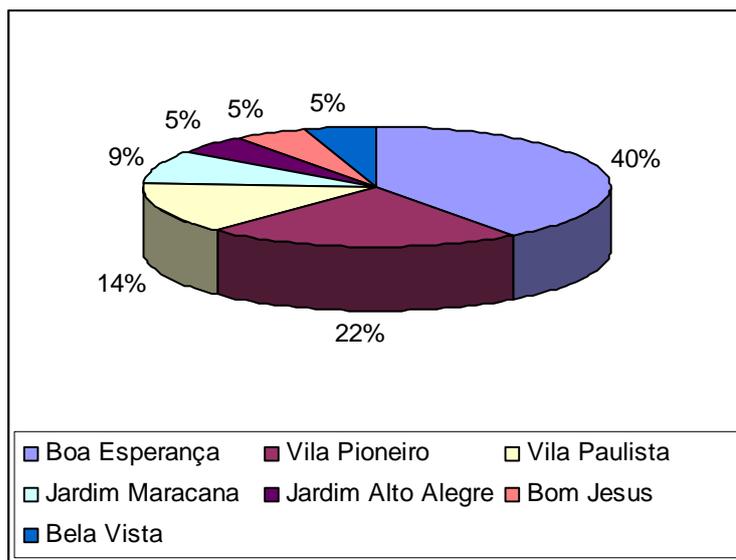
**GRÁFICO 6 – NÚMERO DE FILHOS**

FONTE: Dados coletados no cadastro junto à Entidade

Através do gráfico pôde-se perceber que a maioria dos sujeitos da pesquisa possui apenas um filho.

O gráfico 7, referente ao bairro onde as mães residem, mostrará que 40% residem no bairro Boa Esperança; 22% no bairro Vila Pioneiro; 14% Vila Paulista; 9% Jardim Maracanã; 5% Jardim Alto Alegre; 5% Bom Jesus e 5% no bairro Bela Vista.

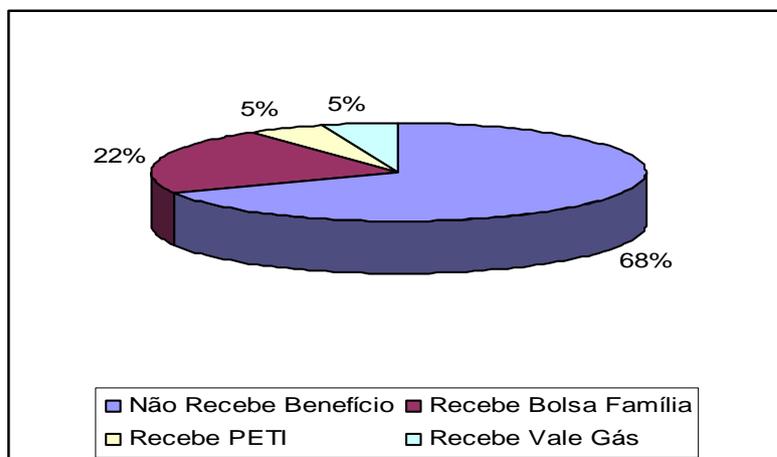
**GRÁFICO 07 – BAIRRO ONDE RESIDEM**



FONTE: Dados coletados junto ao cadastro da Entidade

Como se pôde observar no gráfico acima, a maioria dos sujeitos da pesquisa reside no bairro Boa Esperança.

O gráfico número 8 é referente ao programa em que as mães estão inseridas e poder-se-á verificar que 68% dos sujeitos da pesquisa não recebem nenhum tipo de benefício; 22% recebem o Bolsa Família; 5% recebem o PETI (Programa de erradicação do Trabalho Infantil) e 5% recebem vale gás.

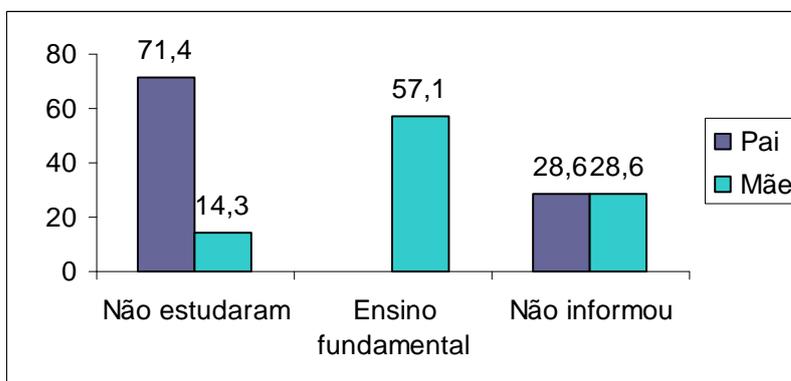
**GRÁFICO 08 – BENEFÍCIO QUE RECEBEM**

FONTE: Dados coletados junto ao cadastro da Entidade.

Como se pôde observar no gráfico acima, a maioria dos sujeitos da pesquisa não recebe nenhum tipo de benefício.

Após realizar as entrevistas, foi possível coletar dados que não estavam contidos nas fichas de matrículas, portanto os gráficos a seguir referem-se somente a dados coletados de 7 (sete) entrevistadas.

Como poderemos observar no gráfico abaixo: 71,4% dos pais e 14,3 das mães não estudaram; 51,1% de mães estudaram até o ensino fundamental; 28,6 % de pais e 28,6 % de mães não souberam informar

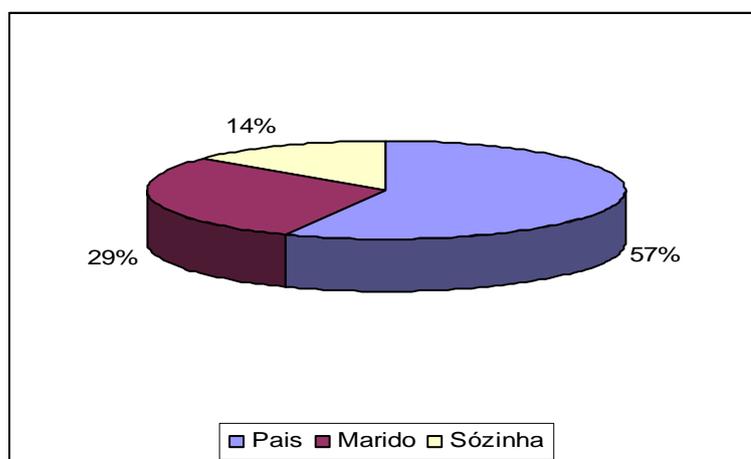
**GRÁFICO 9 – GRAU DE ESCOLARIDADE DOS PAIS**

FONTE: Questionário de entrevistas

A partir desses dados foi possível perceber o baixo grau de escolaridade dos pais das entrevistadas, em que, na sua maioria, não estudaram ou os que estudaram o fizeram no máximo até a 4ª série do ensino fundamental. Também houve duas entrevistadas que não souberam informar qual era o grau de escolaridade de seus pais.

No gráfico seguinte poder-se-á constatar com quem as entrevistadas residiam antes da gravidez.

**GRÁFICO 10 – COM QUE RESIDIAM ANTES DA GRAVIDEZ**

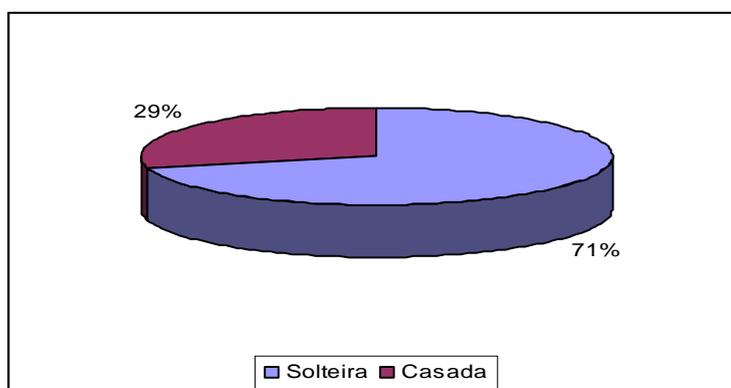


FONTE: Questionário de entrevistas

Como se pôde observar no gráfico, a grande maioria das entrevistadas, ou seja, 57%. ainda residiam com os pais quando engravidaram.

No gráfico a seguir, poder-se-á observar qual era o estado civil das entrevistadas antes da gravidez.

**GRÁFICO 11 – ESTADO CIVIL ANTES DA GRAVIDEZ**

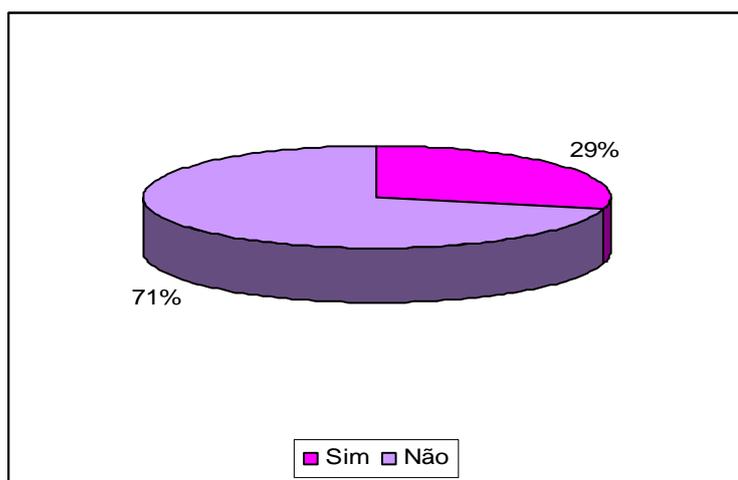


FONTE: Questionário de entrevistas

Como se pôde observar nos dados apresentados, a maioria das entrevistadas era solteira quando engravidaram.

No gráfico seguinte, poder-se-á observar se anteriormente à gravidez as entrevistadas já trabalhavam.

**GRÁFICO 12 – SE TRABALHAVA ANTES DA GRAVIDEZ.**

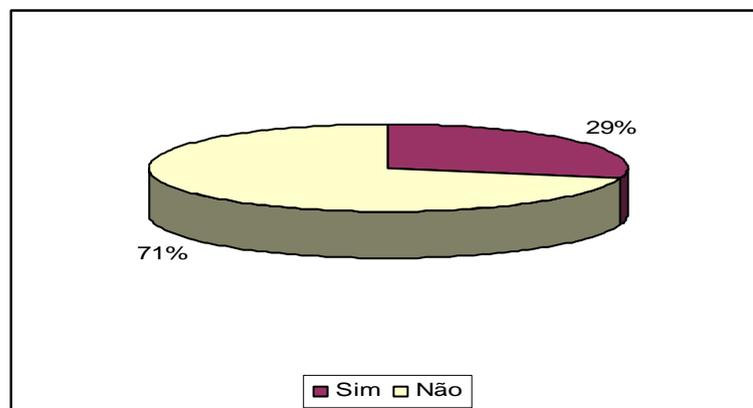


FONTE: Questionário de entrevistas

Como se pôde observar, a maioria das entrevistadas não trabalhava antes da gravidez.

No gráfico a seguir poder-se-á observar se as entrevistadas freqüentavam a escola antes da gravidez.

**GRÁFICO 13 – FREQUËNTAVA A ESCOLA ANTES DE ENGRAVIDAR**

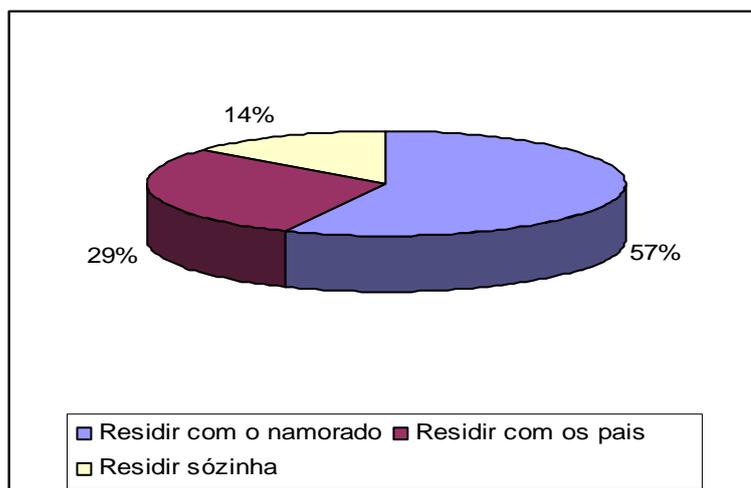


FONTE: Questionário de entrevistas

Como se pôde perceber a maioria das entrevistadas não freqüentavam a escola antes da gravidez.

No gráfico a seguir poder-se-á observar qual passou a ser a condição de moradia das entrevistadas após a gravidez.

**GRÁFICO 14 – CONDIÇÃO DE MORADIA APÓS A GRAVIDEZ**

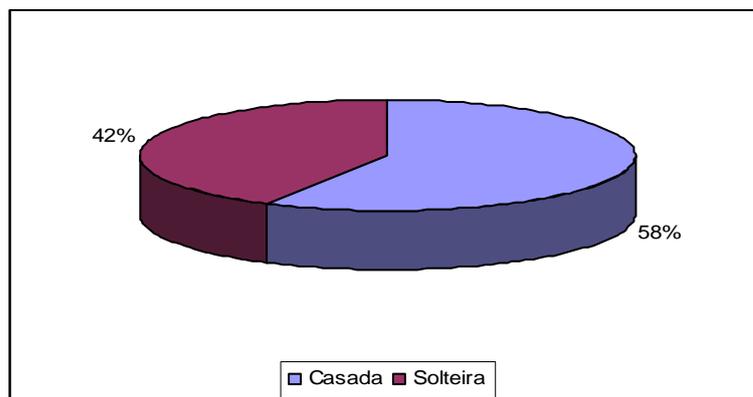


FONTE: Questionário de entrevistas

Como se pôde observar a maioria das entrevistadas passou a morar com o parceiro após a gravidez.

No gráfico a seguir poder-se-á observar qual passou a ser o estado civil das entrevistadas após a gravidez.

**GRÁFICO 15 – ESTADO CIVIL APÓS A GRAVIDEZ**



FONTE: Questionário de entrevistas

Como se pôde observar a maioria das entrevistas casou-se após terem engravidado.

### 3.4 O PERÍODO DA ADOLESCÊNCIA

Este item buscará mostrar como era o mundo das entrevistadas no período da adolescência, como elas passaram por essa etapa e a dinâmica do cotidiano delas. Conforme abordado no capítulo 1, esse é um período complexo da passagem do tempo de criança para a fase adulta. Por essa ser uma fase caracterizada por transformações, fez-se necessário identificar, através da pesquisa, como as participantes vivenciaram essa etapa fundamental das suas vidas.

Em relação a esse período, as entrevistadas expuseram, na sua grande maioria, que esta foi uma etapa muito complexa em suas vidas. Para elas, muitas vezes marcada por uma educação rígida e muitas restrições quanto à falta de liberdade para sair e se divertir como se pode observar nas falas seguintes:

*“Eu morava com os meus pais no sítio, eles eram bem bravos, eu quase nunca podia sair” (F7).*

*“Meus pais não gostavam que eu saísse à noite, mas aí eu saía escondida, até apanhei algumas vezes por causa disso” (F2).*

*“Essa fase da minha vida foi um período bem atribulado, [...], a minha mãe não gostava que eu saísse, mas eu não tava nem aí, não parava em casa” (F5).*

Através dessas falas, pode-se perceber a ansiedade, por parte das adolescentes, para sair à noite, porém essa ansiedade esbarrava de frente com a rigidez dos seus pais; todavia, mesmo com a proibição deles, as jovens desobedeciam e acabavam saindo às escondidas.

Outra questão que chama a atenção na pesquisa é o desinteresse que as entrevistadas demonstraram pelos estudos conforme podemos ver nas falas que se seguem:

*“Logo que eu entrei na adolescência, eu parei de estudar porque eu não queria ir mais para a escola” (F1).*

*“Eu não queria saber de estudar e nem trabalhava, eu vivia matando aula, dizia pros meus pais que ia pra escola, mas eu ia era pras lanchonete ou se tivesse festa eu ia nas festas”(F2).*

Por outro lado, a pesquisa mostrou, por parte das entrevistadas, a vontade de trabalhar; pois assim, segundo elas, seriam mais independentes como podemos observar nas seguintes falas:

*“Não pensava em estudar, eu queria mesmo era arrumar um emprego para ter o meu dinheiro, para me mandar” (F1).*

*“Eu não tinha vontade de estudar, eu queria muito era sair do sítio e morar na cidade e arrumar um emprego para ser dona da minha vida, eu queria muito ser independente” (F7).*

Através dessas falas, pode-se perceber que para as entrevistadas, a independência familiar estava diretamente ligada à questão financeira. Assim, para elas, ao arrumar um emprego se tornariam, automaticamente, independentes.

Em relação ao uso de bebidas alcoólicas, mesmo que isso acontecesse somente quando saíam, essa prática já se fazia presente neste período de suas vidas conforme se pode perceber nas seguintes falas:

*“Quando eu saía, sempre bebia alguma coisa, mas nunca fumei” (F1).*

*“Eu nunca usei Drogas, mas eu bebia de vez em quando”(F2).*

*“Cheguei a fumar, mas só cigarro e bebia também”(F5).*

Através das falas, pode-se perceber que mesmo com a rigidez dos pais, as entrevistadas quando saíam, sentiam-se livres para fazer o que desse vontade, inclusive beber e fumar.

A pesquisa também mostrou que, em geral, as participantes preferiam tratar de assuntos relacionados com sexo, gravidez, e métodos contraceptivos com as amigas ou com uma professora como se pode observar nas falas que seguem:

*“Eu costumava falar sobre sexo e essas coisas com as minhas amigas, eu me sentia mais à vontade de falar com elas” (F1).*

*“Eu conversava essas coisas com as minhas amigas, na escola os professores nunca falaram sobre isso” (F5).*

*“Eu conversava bastante com uma professora que eu gostava muito e, às vezes, falava com as amigas” (F2).*

Em relação a ter esse tipo de conversa com as mães, as entrevistadas relataram não ter abertura para dialogar com elas sobre sexo e todas as questões que norteiam este assunto, pois as próprias mães tinham vergonha de falar sobre isso:

*“A gente não conversava sobre sexo, gravidez. Minha mãe tinha muita vergonha de falar sobre isso. Quando a gente tocava no assunto, ela mudava de conversa, por isso as coisas que eu aprendi foi tudo na escola” (F2).*

*“Ela nunca falou comigo sobre sexo, gravidez essas coisas. Ela tinha vergonha. Eu acho que era por causa da criação dela” (F5).*

*“Minha mãe não tinha esse tipo de conversa comigo. Ela era muito tímida nem tocava nesses assuntos” (F7).*

Com isso, observa-se a barreira criada entre mãe e filha para tratar de assuntos relacionados com sexualidade. E esse diálogo é essencial na fase da adolescência, pois é nesta fase que surgem, na menina, várias indagações, visto ser este um período repleto de transformação tanto corporais como psicológicas.

### 3.5 RELACIONAMENTO FAMILIAR

Este item irá mostrar, através da pesquisa, como se dava a relação familiar na casa das entrevistadas. Se havia conflitos ou uma relação amistosa. Entender esse contexto torna-se importante, pois aí poderemos identificar algumas características que possam ter influenciado a ocorrência da gravidez na adolescência.

Ao se tratar do relacionamento familiar, as entrevistadas na sua maioria relataram se dar bem com suas mães; porém sempre havia algum tipo de conflito presente dentro de casa, como problemas de relacionamento com o pai; rebeldia justificada pelo fato ser adotada; brigas por conta do namorado como podemos observar nas falas que seguem:

*“Eu me dava muito bem com a minha mãe, mas brigava bastante com o meu pai, [...] sempre tinha briga, porque minha mãe deixava eu sair, mas meu pai não. Aí eu saía escondida, [...] eu era doída pra sair de casa” (F1).*

*“Eu sou filha adotiva, sempre soube disso, mas eu era muito revoltada por causa disso, sempre fui muito teimosa, nunca escutava o que meus pais falavam, mas eles eram muito carinhosos comigo, eu era o xodó do meu pai, era a caçula” (F2).*

*“Quando eu tinha 6 anos meu pai faleceu, então quem me criou foi minha mãe, [...] nós começamos a brigar bastante quando eu comecei a namorar, porque minha mãe não gostava do meu namorado e não queria que eu namorasse” (F3).*

*“Eu morava com a minha mãe e com o meu padrasto e mais dois irmãos. Só que eu não me dava bem com o meu padrasto, a gente vivia brigando, nossa era um horror. Eu e minha mãe nos dávamos muito bem, ela não se intrometia*

*nas brigas com o meu padrasto e eu não parava em casa, porque eu não queria ficar perto do meu padrasto, [...] eu acho que o que ajudou muito eu engravidar foi eu não parar em casa, aí você sabe, eu achava que me mandava, que podia fazer o que eu queria, aí eu ainda ia na onda das minhas amigas e assim foi indo até que eu engravidei” (F5).*

*“Eu nunca conheci a minha mãe, quem me criou foi meu tio e minha tia, só que eles me maltratavam muito, nossa eu sofri bastante, eles me falaram que minha mãe era de bar, mas eu não queria mais morar com eles, aí eu fugi” (F6).*

Através dessa falas, pode-se perceber o ambiente familiar conflituoso em que as entrevistadas conviviam. Quase sempre marcado por brigas e discussões entre as duas gerações. Dessa forma, é importante ressaltar que a adolescência é um momento crítico, pois estão ocorrendo, ao mesmo tempo, várias transformações tanto corporais como psicológicas, portanto é necessário salientar que além dessas complicações por conta da idade, as entrevistadas ainda tinham conflitos particulares que agravavam ainda mais o relacionamento entre os membros da família. Dentre essas questões, estão: a revolta por ser uma filha adotiva e não entender porque sua mãe biológica não a quis; embates entre mãe e filha; a desaprovação do namoro pela mãe; a falta de um bom convívio com o padrasto e também pela rigidez dos pais na educação. Também é importante destacar que, nesse período da vida, os jovens tendem a desconsiderar tudo que lhes é dito pelos pais.

A pesquisa também mostrou a importância que as entrevistadas davam a família tratar de assuntos relacionados com sexualidade com seus filhos como se pode perceber nas falas que seguem:

*“Eu acho que quem deve tratar desses assuntos com os filhos é a família e eu me sinto preparada para falar dessas coisas com a minha filha. Quando ela pergunta alguma coisa, eu sento e explico” (F1).*

*“Quem tem que falar dessas coisas é a família, e eu acho que eu sou preparada para conversar com minhas filhas. Como eu passei por tudo isso, eu converso sim, porque não quero a mesma coisa para elas. Quando minha mãe falava: você tem que estudar, eu não escutava, mas eu tava errada e eu quero que minhas filhas não sejam como eu” (F2).*

*“É a família que tem que conversar essas coisas com os filhos, e eu me sinto preparada para conversar com as minhas filhas. Eu já até tive essas conversas. Porque acho que os filhos têm que ter liberdade em casa para falar de tudo” (F4).*

*“Quem tem que conversar dessas coisas com os filhos é a família, eu acho que eu tô preparada para falar com os meus filhos. Eu acho importante falar disso com eles, por causa que acontece muitas coisas por aí, então, os filhos têm que estar preparados” (F6).*

*“Eu acho que quem tem que dizer essas coisas para os filhos é a família. Eu sou preparada para falar com elas, porque eu já passei por muita coisa, então eu tento explicar pra minhas filhas não passá o que eu passei” (F7).*

Através dessas falas, pode-se observar que as entrevistadas sentem-se preparadas para conversar com suas filhas sobre sexualidade, devido à experiência pela qual passaram, e, principalmente, por não terem tido esse tipo de diálogo em casa e, também, não quererem que suas filhas repitam o que ocorreu com elas.

### 3.5 A GRAVIDEZ

Este item buscará mostrar, através da pesquisa, quais as transformações percebidas pelas pesquisadas com a ocorrência da gravidez e como elas lidaram com essas modificações.

Através da pesquisa, pode-se perceber que algumas das entrevistadas não conheciam nenhum tipo de método contraceptivo e as que conheciam não utilizavam.

*“Conhecia, mas não usava porque não queria” (F1).*

*“Eu até conhecia, mas não usava porque eu achava que isso não ia acontecer comigo” (F2).*

*“Eu não usava, porque não conhecia nada dessas coisas” (F3).*

*“Eu conhecia, só que eu não usava porque eu achava que nunca eu ia engravidar, que isso não ia acontecer, foi um descuido mesmo” (F5).*

*“Não conhecia nenhum método anticoncepcional (F6).*

*“Eu não conhecia nada disso, nunca ninguém conversô comigo sobre isso” (F7).*

Através das falas pode-se perceber que o pensamento típico da adolescência: “isto não vai acontecer comigo” está presente em algumas das falas, associando a gravidez a um descuido; por outro lado, observa-se a falta de conhecimento, o que pode ser associado à ausência do diálogo em casa ou ainda caracterizado pela defasagem do ensino nas escolas sobre temas como a sexualidade.

A pesquisa também mostrou a forma como as entrevistadas descobriram que estavam grávidas e assim os dados mostram que a descoberta se deu por causa de mudanças

corporais, o que foi percebido pela mãe ou por atraso no ciclo menstrual como se pode observar nas falas que seguem:

*“Aí eu comecei a desconfiar, porque meu corpo começou a ficar diferente, aí um dia fui fazer o exame” (F1).*

*“Então eu já estava desconfiada, mas eu não tinha certeza porque eu não sabia quais eram os sintomas que a mulher tem quando estava grávida. Aí a minha mãe um dia me chamô no quarto dela e me perguntô se eu estava grávida. Aí eu falei que achava que sim, mas não tinha certeza. Aí ela me levô para fazer o exame e ela mesma que foi pegar o resultado e deu positivo” (F2).*

*“Aí logo eu desconfiei, num mês a menstruação não veio e logo o corpo começou a mudar, aí eu fiz o exame e tava mesmo” (F4).*

*“Então eu fui ter certeza mesmo quando estava com cinco meses já, eu via que meu corpo estava mudando muito, mas não queria acreditar que estava grávida e fui levando até que fui fazer o exame” (F5).*

*“Quando eu descobri que estava grávida já estava de 4 ou 5 meses de gravidez. Eu não tinha o costume de observar meu ciclo menstrual, aí, quem percebeu primeiro foi a dona do restaurante onde eu trabalhava, aí ela me mandô eu ir fazer exame, mas meus tios nunca ficaram sabendo de nada, eu nunca mais vi eles” (F6).*

Pode-se perceber que algumas das entrevistadas, apesar de desconfiarem da gravidez, demoraram certo tempo para fazer o exame de sangue para comprová-la. Outras ainda foram descobri-la depois de alguns meses.

Em relação à forma como as entrevistadas contaram sobre a gravidez para seus pais e a reação dos mesmos, pode-se verificar que uma delas preferiu fazê-lo primeiro para uma amiga, e, só depois de ter se casado, contou para os pais. Em outros casos, a própria mãe já desconfiava da gravidez da filha como se pode observar nas falas seguintes:

*“Eu contei primeiro para uma amiga e depois para o meu namorado. Aí a gente resolveu se casar, aí só depois que eu casei, eu contei. Aí foi tranqüilo, porque eu já tava casada mesmo” (F1).*

*“Bom, minha mãe já tava desconfiada, sabe mãe sabe tudo mesmo. Ela ficou bem chateada, mas meu pai foi quem ficou mais triste, porque ele me mimava muito. Quando o resultado saiu, minha mãe fez eu e meu pai sentar na sala e disse pro meu pai a Shirlene, assim que eles me chamam, quer te falar uma coisa, aí eu contei, eu lembro como se fosse hoje, os olhos dele encheu de água, aí ele olhô pra mim e falô: minha filha o que você foi fazer. Nossa, eu fiquei muito mal, não queria deixar eles tristes, mas o tempo foi passando e a tristeza também. Eles me ajudaram muito” (F2).*

*“Foi assim, a minha mãe já estava desconfiada. Aí um dia ela perguntô pra mim, aí eu falei assim: olha mãe, eu não sei mas acho que sim, aí ela me levô no médico, só que ela me apoiou muito. Assim que a gente saiu do hospital, ela olhô pra mim e falô: olha filha, já que aconteceu, você vai ter que assumir a responsabilidade, só que você pode contar comigo, porque eu estou do seu lado. Eu acho que ela entendeu o meu lado, porque ela também foi mãe solteira. Quando ela engravidou de mim, ela tinha 15 anos e era solteira, por isso que eu acho que ela me deu tanto apoio” (F5).*

*“Aí eles ficaram revoltados, mas é porque meu marido me largô, aí eu tinha que ir para casa deles de novo e grávida ainda, nossa, foi um reboliço” (F7).*

Como se pode observar, para todas as entrevistadas, o momento de contar para os pais sobre a gravidez foi bem difícil, não só para as adolescentes como também para seus pais. Eles, em alguns casos, mostraram-se decepcionados; porém todas relatam que com o passar do tempo acabaram aceitando.

Os dados da pesquisa ainda demonstram que a maioria das entrevistadas só se casaram por causa da gravidez e as que não o fizeram, foi pelo fato dos parceiros não quererem assumir a paternidade como podemos observar nas falas seguintes:

*“Eu só casei porque engravidei” (F1).*

*“Se eu não tivesse ficado grávida, não teria me casado” (F2).*

*“Eu não queria me casar, mas como fiquei grávida, tive que me casar” (F3).*

*“Não me casei. O pai do meu filho não quis me assumir” (F6).*

*“Comigo foi ao contrário, engravidei e fiquei solteira” (F7).*

Através das falas, podemos verificar que a maioria das entrevistadas não tinha o desejo de se casar e que isso aconteceu só em consequência da gravidez; pois pela formação que suas famílias demonstravam, ao engravidar, teriam que casar para reparar o erro, faltando assim o real desejo pelo casamento.

A pesquisa também mostrou outros motivos que levaram as entrevistadas a se casarem, como por exemplo: a vontade de sair da casa dos pais; o fato da mãe já ser contra o namoro e ainda, para algumas delas, enxergarem a gravidez como fuga e única saída de casa como se pode observar nas falas que seguem:

*“Eu já tava doida para sair de casa, aí quando engravidei, mais do que depressa, eu saí de casa. Aí fui morar com o meu namorado” (F1).*

*“Eu vi que depois do que aconteceu era melhor eu ir morar com o pai da minha filha. Ele é bem bonzinho sabe, aí eu achei melhor casá logo” (F2).*

*“Como minha mãe era contra o namoro e eu achava que tava grávida, achei melhor fugir” (F3).*

*“Meu marido não queria que eu tivesse engravidado, aí quando aconteceu, ele simplesmente me largô e eu tive que voltar para casa dos meus pais porque eu não tinha para onde ir” (F7).*

Pode-se observar, através dessas falas, que os conflitos vivenciados pelas entrevistadas foi o que alavancou a decisão de sair da casa dos pais após a gravidez. Somente em um dos casos a gravidez foi motivo de separação do casal.

Através das repostas, pode-se observar que para a maioria das entrevistadas a gravidez foi uma questão decisiva para se casarem e quando isso não ocorreu, foi porque o parceiro não quis assumir o filho.

A pesquisa também apresentou que a maioria das entrevistadas não precisaram trabalhar após a gravidez, ficando a responsabilidade com os gastos do bebê para o pai da criança e os avós; com exceção de uma que precisou trabalhar para ajudar a sustentar a criança como se pode constatar nas seguintes falas:

*“Não, eu só cuidava da minha filha, meus pais e o pai da minha filha que eram responsáveis pelos gastos” (F2).*

*“Não, era só meu marido que trabalhava” (F3).*

*“Não, só meu marido trabalhava, porque dava pra gente vivê só com o dinheiro dele” (F4).*

*“Não, meus pais não quiseram que eu trabalhasse” (F5).*

*“Sim, como meu marido tinha me largado, tive que trabalhar para ajudar meus pais a tratar da minha filha, fui trabalhar de bóia fria” (F7).*

Podemos perceber que, na maioria dos casos pesquisados, a responsabilidade da mãe estava no cuidado com a criança, pois seus pais assumiam as outras responsabilidades.

A pesquisa também mostrou que as adolescentes não voltaram a estudar após a gravidez seja: por falta de interesse, pelas dificuldades por causa da gravidez ou também por vergonha como se pode constatar nas seguintes falas:

*“Eu já não gostava muito de estudar, e com uma filha pequena pra cuidar, ficou mais ruim ainda. Sem contar que as meninas com quem eu estudava, ficavam me olhando torto e cochichando (F2).*

*“Não tinha mais interesse em estudar e também tinha que cuidar da casa e dos filhos” (F4).*

*“Que fico muito difícil continuar, primeiro porque eu tinha vergonha, as minhas colegas de sala ficavam tirando sarro e depois eu tinha que cuidar do nenê, aí preferi parar, só comecei a estudar de novo o ano passado” (F5).*

*“Minha vida tava muito complicada pra eu estudar” (F6).*

*“Eu não tinha vontade de estudar” (F7).*

Como se pode observar, algumas das entrevistadas, antes mesmo de engravidar, já não mostravam mais interesse em estudar (gráfico 13), o que a maioria já havia demonstrado antes de ocorrer a gravidez. Segundo elas, após ficarem grávidas, ficou mais complicado por causa da responsabilidade com o nenê e também por vergonha dos colegas de sala. Percebe-se aí a dificuldade existente por parte da sociedade em relação a situações atípicas, do ponto de vista moral, vendo essas adolescentes como meninas amorais e não entendendo à situação num contexto mais amplo.

A pesquisa também mostrou como ficou o relacionamento com os pais após a descoberta da gravidez, com isso podemos perceber que, na maioria dos casos, primeiramente houve o conflito e a resistência dos mesmos em aceitar, mas depois assumiram e as apoiaram em tudo que precisassem como se pode perceber nas falas que seguem:

*“Não, eles me apoiaram, mas acho que porque eu tava casada, porque se eu tivesse solteira acho que eles tinham me crucificado (F1).*

*“Meus pais só no começo ficaram chateados, mas depois me ajudaram e me deram todo apoio. Só uma irmã minha que ficava falando umas coisas pra mim, ela ficava me xingando, porque eu tinha engravidado, falava que eu tinha decepcionado meu pai e minha mãe (F2).*

*“Minha família ficô muito triste e até se afastaram um pouco, demorô um tempão para minha mãe voltar a conversar comigo (F3).*

*“A minha mãe me ajudô muito e o meu padrasto ficou neutro, não me disse nada, só os parentes que ficaram falando mal pelas costa (F5).*

*“Aí foi muito difícil porque meu pai não me queria dentro de casa de volta, meu marido me largô, nossa, eu fiquei desesperada, até que meu pai me aceitô de novo, ia fazer o quê, me deixá na rua (F7).*

Como se pode observar, os pais ficaram chateados e decepcionados com a gravidez precoce; porém, mesmo diante do sofrimento ao saberem da gravidez das filhas, eles não deixaram de apoiá-las. Consta-se que uma gravidez nessa idade traz sérias implicações para as adolescentes e uma delas é o atrito no relacionamento familiar.

Verificou-se que na fase da adolescência, as amizades são muito importantes; porém se pode constatar que com a gravidez, algumas amigas acabaram se afastando pois, ao serem perguntadas se elas sentiram alguma modificação em relação às suas amigas após a gravidez, todas responderam que elas se afastaram como podemos observar nos trechos abaixo:

*“Eu não percebi diferença, mas a gente acabô se afastando, porque eu casei e não saía mais junto e foi indo até que se afastamos de vez” (F1).*

*“Eu percebi diferença sim, quando eu engravidei todos que diziam que eram minhas amigas simplesmente sumiram. Eu acho que isso é porque elas não eram minhas amigas de verdade, só queriam eu perto pra sair para festa, mas quando eu precisei, elas desapareceram” (F2).*

*“As minhas amigas de verdade sempre ficaram do meu lado, me apoiaram muito, pude contar com elas sempre, mas tinha aquelas que só falavam que eram amigas mas na verdade não era, que quando mais precisei sumiram tudo” (F5).*

*“Eu percebi muitas diferenças, meus amigos não quiseram nem saber, acho que na realidade elas não eram minhas amigas de verdade” (F7).*

Diante das falas dos sujeitos pesquisados, percebe-se a decepção com as amigas; pois elas, muitas vezes, eram mais presentes na vida das adolescentes do que os próprios membros da família.

## CONCLUSÃO

Ao iniciar este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC -, tinha-se como objetivo central identificar e analisar as implicações sociais resultantes da gravidez na adolescência vivenciadas pelas mães usuárias do Centro Comunitário e Social Dorcas e também traçar o perfil dos sujeitos que participariam da pesquisa; identificar as alterações ocorridas em seu cotidiano após a gravidez e compreender como essas mães foram afetadas pelas mudanças que ocorreram a partir da gravidez nessa fase de suas vidas.

Ao final deste trabalho, pôde-se concluir que, o contexto familiar pode ter relação direta com a ocorrência da gravidez, visto que a família exerce uma influencia muito forte no processo de amadurecimento da sexualidade dos adolescentes, porém, nos casos analisados, pôde-se constatar a ausência de diálogo nas famílias e isso decorrente, muitas vezes, da vergonha que as mães, ainda, sentem em tratar com suas filhas a respeito de assuntos relacionados à sexualidade. Por sua vez, as adolescentes também evitam falar com sua família a respeito do assunto, apresentando assim, dificuldades em assumir a sua vida sexual, ficando cada vez mais expostas a uma gravidez. Embora as mulheres tenham conquistado seu espaço na sociedade e uma liberdade sexual, muitas vezes, o sexo ainda é visto como um tabu, e também é o que parece ser nesse universo pesquisado.

Torna-se necessário ressaltar que apenas dar informações técnicas aos adolescentes não é o suficiente, pois como se verificou, a maioria das entrevistadas conheciam métodos contraceptivos, porém, não os usava. Dessa forma, é importante destacar que os jovens sejam orientados na escola e em casa com a família, onde possam se sentir à vontade para fazer questionamentos e expor suas dúvidas e desejos. Esse canal de comunicação precisa ser criado e mantido, tanto com as meninas quanto com os meninos.

A superação das dificuldades de comunicação e diálogo entre pais e filhos pode ajudar muito a diminuir a ocorrência da gravidez precoce entre os adolescentes. Os pais precisam se esforçar para deixar de lado o medo de serem taxados de caretas, autoritários ou de serem acusados de estarem invadindo a vida pessoal de seus filhos, conversando e orientando-os, não apenas sobre reprodução e sexualidade, mas também sobre valores, como afeto, amizade, amor, intimidade e respeito ao corpo e a vida. Isso irá lhes permitir que se sintam mais preparados para assumir as responsabilidades inerentes à vida sexual.

Além da falta de diálogo, outro fator que chamou atenção na pesquisa foi a dificuldade de relacionamento com os pais. Como se pôde comprovar todas as entrevistadas

apresentaram conflitos familiares bem complexos. Muitas não viam a hora de sair de casa, quase sempre, para se livrar de algum tipo de situação vivenciada pelas jovens e diante disso, também ocorre a rebeldia por parte das adolescentes.

A gravidez nesta fase traz muitas modificações para a vida de uma jovem e, no caso das entrevistadas, pôde-se verificar que a maioria delas acabaram se casando por conta da gravidez. Pôde-se, assim, entender que o casamento ainda é visto como uma forma de reparar a imprudência cometida, em que, na maioria das vezes, as adolescentes são impulsionadas a assumirem a gravidez e um casamento, quase sempre, indesejado. Ao mesmo tempo em que são levadas por uma questão moral.

Observou-se ainda, que algumas das entrevistadas já não freqüentavam mais a escola antes mesmo de engravidarem, percebendo-se assim a falta de perspectiva de vida dessas jovens as quais, na sua maioria, pensavam somente em trabalhar, pois acreditavam que dessa forma conquistariam a independência. Houve também casos em que as entrevistadas ainda estudavam quando engravidaram, porém com a ocorrência da gravidez, não se sentiram mais à vontade para ir a escola, pois sentiam vergonha de enfrentar os comentários e as piadas relacionadas ao fato de estarem grávidas.

Contudo, percebeu-se que a baixa escolaridade dos pais, a ausência de diálogo entre pais e filhos, a falta de informação por parte das mães para orientarem suas filhas sobre a possibilidade de que, apesar da gravidez, devem almejar um futuro, uma carreira profissional, e não simplesmente condená-la a uma união para reparar o erro cometido. Outra questão que chama a atenção é o fato de que a independência financeira tão almejada, não ocorreu, pois as entrevistadas relataram que como precisavam cuidar do neném não puderam trabalhar, e assim continuaram a depender financeiramente de seus pais, ou ainda passaram a depender do marido.

A questão da gravidez na adolescência é muito polêmica, porém ainda muito negligenciada pela sociedade. Nota-se a falta de informação e de capacitação para profissionais que atuam junto ao público jovem. Da mesma maneira, também, a falta de um trabalho com a comunidade no sentido de orientá-los sobre a importância da informação e o conhecimento sobre sexualidade para os jovens, para ajudar a reduzir os altos índices de adolescentes grávidas. Como já foi dito no início deste trabalho, a gravidez na adolescência é uma expressão da “Questão Social” que se apresenta em todas as camadas da sociedade e o serviço social, no desenvolver de suas atividades, terá contato com o público adolescente em diferentes áreas de atuação. Por isso é necessário que este profissional tenha um prévio conhecimento da realidade em que irá atuar.

Segundo Iamamoto (1999), um dos maiores desafios que o assistente social vive atualmente é desenvolver sua capacidade de entender a realidade e criar propostas de trabalho criativas e capazes de preservar e efetivar direitos a partir das demandas que surgem diariamente. O assistente social não pode ser somente um profissional executor, mas também propositivo, diante das expressões da “questão social” que surgem no movimento da realidade social.

De acordo com Iamamoto:

[...] o exercício da profissão [...], é uma ação de um sujeito profissional que tem competência para propor, para negociar com a instituição os seus projetos, para defender o seu campo de trabalho, suas qualificações e funções profissionais (IAMAMOTO, 1999, p. 21).

O assistente social implementa políticas sociais. Ele atua diretamente com a população usuária, porém o mercado de trabalho exige hoje não apenas um profissional executor, mas também que atue na formulação de políticas públicas e na gestão de políticas sociais. Este profissional dispõe de um Código de Ética. Ele é um trabalhador especializado que vende sua força de trabalho para algumas entidades empregadoras, como empresas e principalmente o Estado que demandam essa força de trabalho qualificada e a contratam.

Neste contexto, ressalta-se a importância deste estudo inserido na nossa prática profissional. No sentido de estarmos capacitados a responder aos desafios impostos pela sociedade, reforçando ainda que esta investigação seja apenas uma aproximação ao objeto, pois se entende que o conhecimento é um processo em constante movimento e que esta investigação possa servir de base para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Armida.; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre- RS: Artmed, 1981.

BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **A particularidade histórica da pesquisa no serviço social**. 2005. Tese (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo, 2005.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). *In*: **Assistência Social: Ética e Direitos**. Coletânea de Leis e resoluções. CRESS, 7ª Região/RJ, 4ª edição -5ª reimpressão, Lidador LTDA, Rio de Janeiro, 2006.

CALDEIRA, Alany Pinto *et al.* Adolescentes Grávidas Usuárias do Sistema de Saúde Pública. *In*: **Saúde e Serviço Social**. BRAVO, Maria Inês Souza... [*et al*], (orgs). 2. ed. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

D'ANDREA, Flavio Fortes. **Desenvolvimento da personalidade**: enfoque psicodinâmico. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1991.

DATASUS. Índices de adolescentes grávidas. Disponível em: <<http://w3.datasus.gov.br/datasus/datasus.php>>. Acesso em 10 de setembro de 2008.

DESSER, Nanete Ávila. **Adolescência**: sexualidade. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IAMAMOTO, Maria Vilela. **O Serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

IAMAMOTO, Marilda Vilela.; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas. 4. ed. Ver e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

MIDDING, Tânia R. S. **Implicações sociais da gravidez na adolescência no município de São Pedro do Iguaçu-PR**. 2004. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE/*Campus* de Toledo, Toledo, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MIOTO, Regina C. T. A maternidade na adolescência e a (dês)proteção social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, nº 83, ano XXVI, especial 2005, p. 128-146.

NETTO, J.P."Cinco notas a propósito da 'questão social'". *Temporalis: Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social*, Brasília, V.2, n 3, p.41-49, Jan/jun.2001.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa-** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PRIORI, Lidiane. **Construção aproximativa do Centro Comunitário e Social Dorcas**. Trabalho apresentado à disciplina de Estágio Supervisionado I do Curso de Serviço Social. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - *Campus* - Toledo PR, 2007.

SANTOS, R. S. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP, 2002. p. 49-163.

SOCAL, Eliane *et al.* **Pesquisa e diagnóstico sobre crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social em Santa Maria/RS**; construindo cidadania. Santa Maria, RS: [S N], 2003.

YASBEK, M. C. **Classes subalternas e assistência social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

]

## APENDICE